ILUSTRAÇÃO

N.º 285 — 12.º ano

1-NOVEMBRO-1937

PREÇO-5 escudos

Venda a prestações contra entrega imediata da obra.

O cliente paga a 1.ª prestação e pode levar para casa os 21 volumes tendo ainda a vantagem do sorteio que lhe pode proporcionar o pagamento da obra por uma deminuta importância

HISTÓRIA UNIVERSAL

de GUILHERME ONCKEN

A mais completa e autorizada história universal até hoje publicada

Tradução dirigida por

CONSIGLIERI PEDROSO, AGOSTINHO FORTES, F. X. DA SILVA TELES e M. M. D'OLIVEIRA RAMOS

antigos professores de História, da Faculdade de Letras

21 vols. no formato de 17 cm. × 26 cm., 18.948 págs., 6.148 grav. e mais de 50 hors-textes

Muito bem encadernados em percalina e letras douradas

Em 20 prestações mensais de Esc. 75$00 com resgate por sorteio mensal Esc. 1.500$00

COMO É O SORTEIO? Os recibos das prestações com direito a sorteio levam o número da inscrição (só dois algarismos). Quem tiver o número igual aos últimos dois algarismos do número premiado com o 1.º prémio da última lotaria do mês **NADA MAIS TERÁ QUE PAGAR** liquidando assim o débito que nessa data tiver de prestações a vencer. **ASSIM PODERÁ SALDAR O SEU DÉBITO, APENAS COM UMA OU MAIS PRESTAÇÕES** conforme a sorte bafejar o comprador. Desta vantagem **NÃO BENEFICIARÁ O COMPRADOR** que estiver em atraso de uma ou mais prestações.

Mediante pequena formalidade o comprador, apenas com o pagamento da 1.ª prestação, pode levar a obra completa para sua casa

Peçam informações mais detalhadas à

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 — LISBOA

ILUSTRAÇÃO
Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)
Editor: José Júlio da Fonseca
Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL – Rua da Alegria, 3o – Lisboa

Preços de assinatura

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30$00	60$00	120$00
(Registada)	32$40	64$80	129$60
Ultramar Português	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Espanha e suas colónias	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Brasil	—	67$00	134$00
(Registada)	—	91$00	182$00
Outros países	—	75$00	150$00
(Registada)	—	99$00	198$00

Administração – Rua Anchieta, 31, 1.º – Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Uma chavena d'
'OVOMALTINE'
pela manhã
dá energias para um
dia de trabalho
ao deitar
assegura um sono
tranquilo e natural.

À venda em todas as Farmácias, Drogarias e Mercearias em 1/1, 1/2 e 1/4 de lata
DR. A. WANDER S. A. – BERNE
ÚNICOS CONCESSIONÁRIOS PARA PORTUGAL:
ALVES & C.ª (IRMÃOS) – RUA DOS CORREEIROS, 41-2.º – LISBOA

GOTOSOS E REUMATICOS
Em menos de 24 horas, podeis acalmar as vossas dôres com o
ESPECIFICO BÉJEAN

O remédio mais ACTIVO prescrito pelas autoridades médicas contra
a **GÔTA, a SCIÁTICA os REUMATISMOS**
Agudos ou Chronicos
e todas as dôres de origem artritica
Um unico frasco bastará para vos convencer da rapidez da sua acção.
À venda em todas as Pharmácias
Produits BÉJEAN - Paris

Eis a minha felicidade!

Tu podes cativar os homens
Experimenta esta novidade:
"4 pós num,, possuindo uma
AFINIDADE LECTROSTÁTICA
para a pele, uma afinidade como a dum iman para as agulhas ou uma placa de aço

Eis o pó que os químicos e as senhoras procuravam há 50 anos. Uma vez V. Ex.ª empoada, não necessita de se empoar mais. O feio lusídio do nariz e do rosto desaparecem para sempre, devido ao seu poder «lectrostático». À chuva, ao sol ou dançando numa sala bastante quente e pode V. Ex.ª fazer tudo o que as gravuras representam que terá sempre o mesmo rosto maravilhoso. Este pó é à prova da água — à prova da transpiração. — As senhoras que à noite chegam a casa com o rosto fatigado e enrugado, podem refrescar e rejuvenescer a pele e chegar a parecer alguns anos mais novas — muitas vezes metade. Ele é tónico e adstringente. Não forma placas nem manchas. A sua afinidade «lectrostática» fá-lo aderir tão intimamente à pele que se torna completamente invisível. Mesmo as suas melhores amigas nunca suporão que a beleza fascinante do seu rosto (dada por êste pó) não está inteiramente enerente à sua beleza natural. Peça V. Ex.ª, imediatatamente, o *Pó Tokalon*, o pó mágico «4 num», possuindo uma grande afinidade para a pele. Exija a verdadeira marca de origem. O exito é garantido, em caso contrário, restituimos o dinheiro do custo.

À venda em tôdas as perfumarias e boas casas do ramo. Não encontrando, escreva para o **Depósito Tokalon** — 88, Rua da Assunção — que atende na volta do correio.

À VENDA
o 5.º volume
CAMÕES LÍRICO
(CANÇÕES)
PELO DR. **AGOSTINHO DE CAMPOS**
Este volume completa a obra **Camões Lírico**, da Antologia Portuguesa
1 vol. de 320 págs. broch. ..... **12$00**
Pelo correio à cobrança ..... **14$00**
Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

Um grande sucesso de livraria

A APARECER BREVEMENTE
A NONA EDIÇÃO, REVISTA
11.º MILHAR

FÁTIMA

GRAÇAS * SEGREDOS * MISTÉRIOS

POR **ANTERO DE FIGUEIREDO**
Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

Um volume de 378 páginas, brochado, com capa a côres e oiro ..... **12$00**
Pelo correio à cobrança ..... **13$50**

Pedidos aos editores:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À venda

SAMUEL MAIA

ÊSTE MUNDO E O OUTRO

O outro mundo — Arca de Noé — Êste mundo de agora (1930) — Tempo de 1932 — Tempo de 1935 — Tempo de 1936 — Juizo final

1 volume de 298 págs., brochado . **12$00**

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75
LISBOA

SENSACIONAIS REVELAÇÕES CIENTIFICAS RESULTANTES DE PROFUNDAS INVESTIGAÇÕES

Estudos sôbre Quirologia, Metoposcopia e Astrologia

Segundo os métodos modernos do Prof. FANNY LORAINE

Curiosas divulgações sôbre o Destino. A vida do homem está escrita nas linhas da mão, definida pelas rugas da testa e regulada pelas influências astrais

A quirologia é uma ciência, e como tôdas as ciências, está baseada em verdades positivas, filhas da experiência e que portanto, por serem demonstráveis, são indiscutíveis.

Conhecimento dos carácteres dos homens por meio dos vários sinais da testa. As sete linhas da fronte.
As raízes da Astrologia. A lua nos signos do zodiáco.

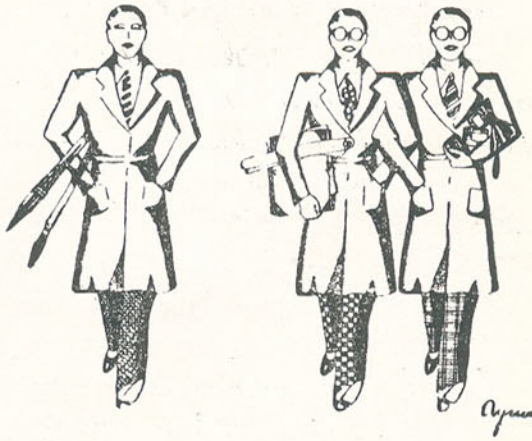
Nesta interessantíssima obra qualquer pessoa encontra nas suas páginas o passado, o presente e o futuro.

1 vol. broc. de 186 págs., com 8 gravuras em papel couché e 21 no texto, **Esc. 10$00**, pelo correio à cobrança, **Esc. 12$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — Rua Garrett, 73 — LISBOA

GRAVADORES

IMPRESSORES



TELEFONE 2 1308

BERTRAND IRMÃOS, L.DA

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

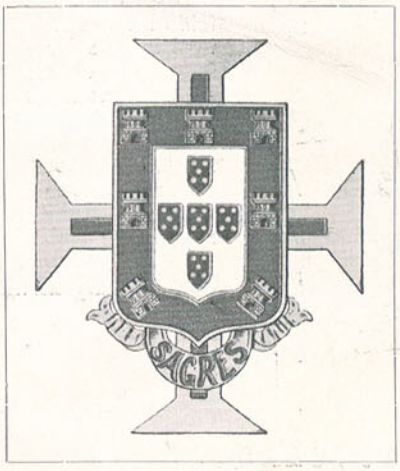
Companhia de Seguros SAGRES

Sinistros pagos até 31-12-1936
Esc. 19.048.594$54

Seguros Acidentes de Trabalho

Seguros de automóveis, Responsabilidade civil, todos os riscos

CONSULTEM
A
SAGRES



Capital e reservas em 31-12-1936
Esc. 13.915.096$56

Seguros Postais, Fogo, Marítimos, Agrícolas e Cristais

Seguros de Vida em tôdas as modalidades

CONSULTEM
A
SAGRES

Companhia de Seguros SAGRES

RUA DO OURO, 191 — (Edificio próprio) — **Telef. 2 4171**

A Companhia mandará um empregado a quem o solicitar mesmo pelo telefone

Estoril-Termas

Estabelecimento Hidro-Mineral e Fisioterápico

PARQUE DO ESTORIL
ABERTO TODO O ANO

Banhos de água mineral e de água do mar quentes, Banhos CARBO-GAZOSOS, Duches, Irrigações, Pulverizações e Inalações, etc.

ONDAS CURTAS. DIATERMIA. Raios Ultra-violetas e Infra-vermelhos. Electricidade médica. MECANOTERÁPIA e Maçagens.

MAÇAGISTAS ESTRANGEIROS ESPECIALIZADOS
CULTURA FÍSICA
AQUECIMENTO CENTRAL

Consulta médica das 9 às 12 — Telef. E. 402. (P. B. X.)

À VENDA

A Patologia da Circulação Coronária

O problema da angina pectoris
O infarto do miocardio
O sindroma de Adams-Stokes

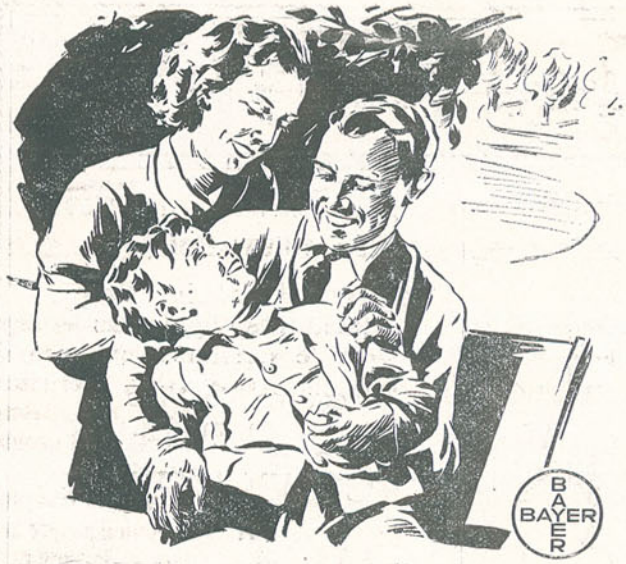
PELO

DR. EDUARDO COELHO
Professor da Faculdade de Medicina

1 vol. de 168 págs. no formato 17,5 × 26, em papel couché, profusamente ilustrado, Esc. **25$00**
Pelo correio à cobrança, Esc, **27$00**

Á venda em tôdas as livrarias

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



Horas sem sofrer..
Horas felizes

Este petiz é o orgulho do pai, a alegria da mãi e o sol do lar. O seu feitio sempre vivo e natural torna-o favorito de todos. Para ele existe só a alegria neste mundo; ele não conhece a dôr - nunca a viu.
As crianças são auxiliadas pela natureza, os adultos pelo poder sedativo e reanimador da

Cafiaspirina

SAMUEL MAIA
Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃIS

O MEU MENINO

Como o hei-de gerar, crear e tratar se adoecer

1 vol. de 326 págs., ilustrado, encad., **17$00**; broc., **12$00**

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND
73. R. Garrett, 75 — Lisboa

À venda a 9.ª edição

D. PEDRO E D. INÊS

«O GRANDE DESVAYRO!»

Romance por ANTERO DE FIGUEIREDO

1 vol. de 324 páginas, brochado, com capa a côres e ouro, Esc. **12$00**; pelo correio à cobrança, Esc. **14$00**

À venda em tôdas as livrarias

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Novidade literária

ROLÃO PRETO

REVOLUÇÃO ESPANHOLA

ASPECTOS - HOMENS - IDEIAS

Depoimento sôbre a guerra civil espanhola e o movimento da falange nacional-sindicalista

1 vol. de 214 págs. ilustrado, broc., **Esc. 10$00**
Pelo correio à cobrança . . . . . **Esc. 11$50**

À venda em tôdas as livrarias

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Dr. Bengué, 16, Rue Ballu, Paris.

Venda em todas as Pharmacias

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR-DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ, MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de oiro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA

Telefone 2 2074

PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 31, 1.º TELEFONE: — 2 0535

N.º 285 — 12.º ANO
1-NOVEMBRO-1937

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

Pelo carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

DIA DE FINADOS
EM TERRAS DE ESPANHA

2 de Novembro. Dia de Finados... Névoas pardacentas dum doloroso inverno que o bafejo efémero do verão de S. Martinho não consegue nunca desvanecer.

E hoje mais do que nunca em que todo o Mundo contempla, apreensivo e desolado, o dia de àmanhã.

Na Espanha, enquanto a batalha prossegue encarniçada nas várias frentes, as viuvas vão prestar homenagem aos seus entes queridos. É êste o seu dia. Pode a Pátria glorificá-los em tão altivo como merecido monumento, mas o coração das mães, das esposas e das filhas não dispensam êste sinceríssimo tributo.

Quando foram trasladados para Espanha os restos mortais do general Primo de Rivera, que se finara em Paris, a passagem do préstito teve as honras que merecia por parte das autoridades civis e militares. Mas houve uma guarda de honra que ficará memorável e que enterneceu o Mundo inteiro. Foi a guarda constituida pelas mães dos soldados que o grande caudilho espanhol fez regressar de Marrocos, restituindo-os aos seus lares. As mães espanholas patentearam assim expontaneamente a sua profunda gratidão.

Agora são as viuvas espanholas que prestam a derradeira homenagem junto do coval dos entes que lhes foram tão queridos.

Eis a vida nas suas manifestações através dêste vale de lágrimas.

2 de Novembro. Dia de Finados... Névoas pardacentas dum doloroso inverno que o bafejo efémero do verão de S. Martinho não consegue nunca desvanecer nas nossas almas doloridas.

Viuvas de Toledo

ACTUALIDADES ESTRANGEIRAS

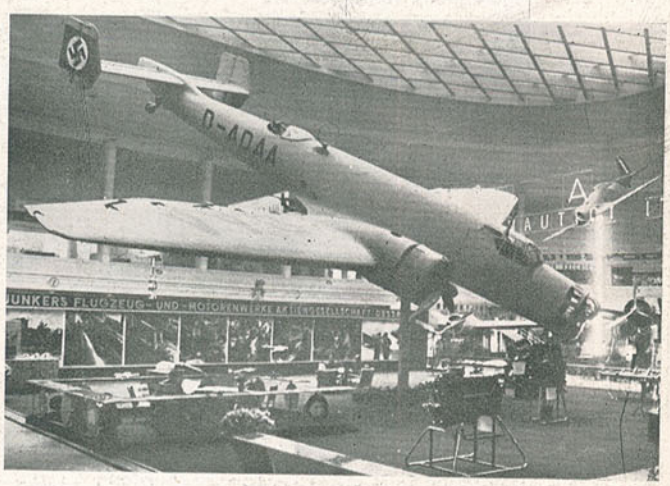
No porto de Kiel encontra-se ancorado o navio escola «Duhnen» em que se estão treinando os chefes da S. A. da Marinha Alemã. A gravura acima mostra os grupos de marinheiros de assalto durante os exercícios de remo

O conhecido príncipe indiano Alga Khan empreendeu uma principesca viagem através da Europa acompanhado por sua esposa. A gravura acima apresenta-o rodeado pela sua numerosa comitiva no Hoppegarten de Berlim

O duque e a duquesa de Windsor dignaram-se visitar as construções da Assistência Social Nacional Socialista de Berlim — Tejel, vendo-se à esquerda o chefe da organização dr. Levy que serve de guia aos visitantes

O famoso aviador Lindbergh conversando com o representante de Hitler, Rodolfo Hesse por ocasião do congresso organizado pela Sociedade Lilienthal para a investigação da aviação, a que acorreram os grandes ases

O atlas monumental do Grande Eleitor de Brandeburgo, que representa a maior obra cartográfica em forma de livro em todo o Mundo. Está exposto no grande certame da «Profissão Produtora de Encadernação», em Berlim



Um tipo dos aviões de combate que a Alemanha expõe na exposição de Milão. Foi construido nas oficinas Junkers, e constitui uma verdadeira surpresa para a aviação mundial que prossegue na sua actividade

A FESTA VINDIMARIA

A «rainha» Maria das Neves, do Rancho de Alenquer e Georgina Homem Cardoso, do Rancho de Vil-de-Moinhos

Em louvor da vinha e do vinho foi organizada a Festa Vindimária que a chuva impediu de ter maior realce. As harmonias do nosso folclore foram, a bem dizer, ouvidas apenas pelos espectadores do Coliseu dos Recreios. E foi pena. Se o Cortejo Folclórico tivesse atravessado, em tôda a sua imponência, as ruas de Lisboa conseguiria um juri mais amplo. Depois a luz do sol não dá margem aos efeitos enganosos dos arcos voltaicos duma grande casa de espectáculos. O 1.º prémio foi conferido ao Rancho do Douro e o 2.º ao de Alenquer. Mas o rancho de Colares que todo o público aplaudiu delirantemente pelo brilho com que dançou? Esse obteve o «Prémio do Ministério do Comércio». E o Rancho do Cartaxo que tanto primou na sua indumentária rigorosa e castiça? Esse conseguiu o «Prémio Santos Lima» que, sempre foi uma consolação. E assim terminou a Festa Vindimária que a chuva impertinente... e outros contratempos mais impertinentes, ainda tanto e tanto prejudicaram.

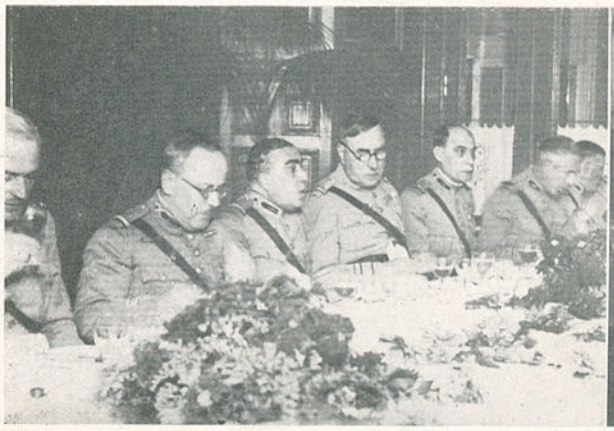
Um expressivo par do Rancho de Colares que o povo lisboeta aplaudiu delirantemente

O Rancho de Alenquer

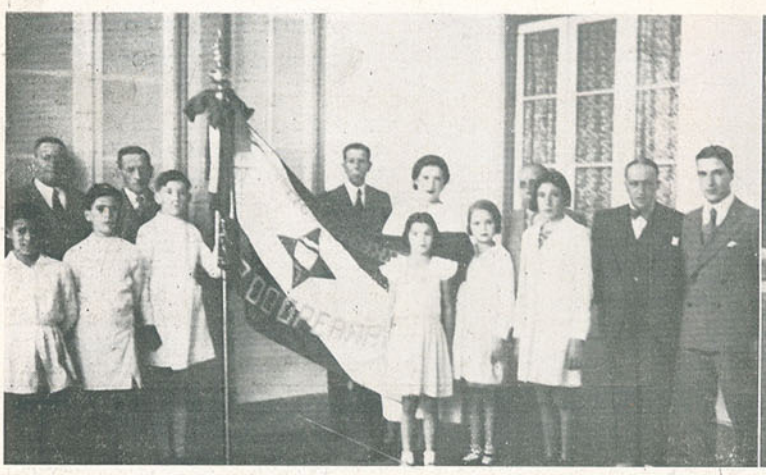
O Grupo das Flores do Rancho

O Rancho do Douro que obteve o 1.º Prémio na Festa Vindimária

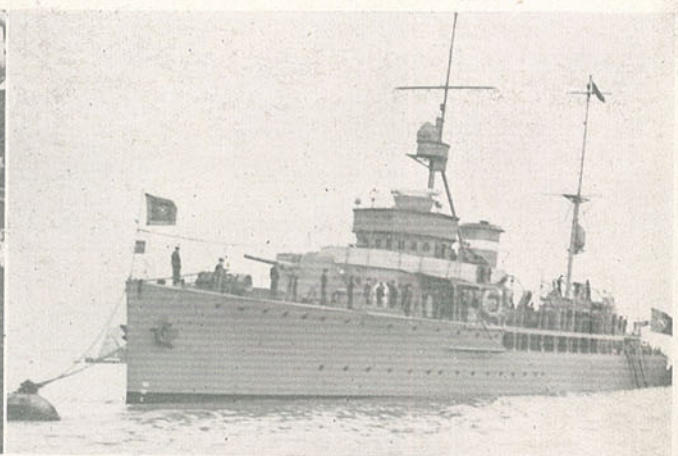
ACTUALIDADES DA QUINZENA



Os oficiais da Guarda Fiscal promoveram um banquete de homenagem ao sr. general Alexandre Malheiro que deixa o comando daquela corporação em virtude de ter atingido o limite de idade. Foram pronunciados vários discursos em que foram exaltadas as nobres qualidades morais e literárias do homenageado. A gravura acima mostra o sr. general Alexandre Malheiro presidindo ao banquete. *Á direita:* O Chefe do Estado, ladeado pelo sr. Cardial Patriarca, senhora de Carmona e ministro da Educação Nacional, presidindo à sessão inaugural da 1.ª Escola Profissional Doméstica em Lisboa



«A Voz do Operário» solenizou o 58.º aniversário do seu jornal e a reabertura dos trabalhos escolares. A gravura acima apresenta o representante do chefe do distrito com a direcção da «Voz do Operário» e as crianças premiadas. *Á direita:* O sr. general Daniel de Sousa descerrando a lapida do Jaraim Alfredo Keil, na Praça José Fontana. A esta homenagem seguiram-se idênticas ao Marquês de Marialva e Henrique Lopes de Mendonça



O novo aviso de 2.ª classe «João de Lisboa» acaba de ser solenemente encorporado no efectivo da esquadra, tendo, nêsse momento, sido proferido um patriótico discurso pelo sr. ministro da Marinha. Nas gravuras acima vêmos: *á esquerda:* o sr. ministro da Marinha e os almirantes durante a cerimónia do içar da bandeira que foi puxada por uma neta do sr. Presidente da República. — *Á direita:* o «João de Lisboa» embandeirado nos topes, depois da cerimónia. No dia seguinte, tendo o barco estado patente ao público, foi enorme o número de visitantes que manifestaram unanimemente o seu entusiasmo pelo ressurgimento da nossa Marinha de Guerra, não esquecendo que, com êste, são catorze navios em cinco anos

O PRIMEIRO E ULTIMO AMOR DE KOSCIUSZKO

TADEU KOSCIUSZKO o célebre herói, paladino da independência da escravizada Polónia, teve, no decorrer da maravilhosa e sublime epopeia de sacrifício à Pátria, que foi tôda a sua vida, um doloroso romance de amor, cujo trágico desfecho enlutou para sempre o seu nobre e generoso coração e fez mudar, por completo, o rumo da sua existência.

Jean de La Brète disse, numa frase espirituosa e feliz, que "os homens que amam uma só vez na vida, são tão raros como os corvos brancos». Contudo, na Polónia, no último quartel do século XVIII, ainda havia homens da envergadura de Kosciuszko, capazes de amarem "como se ama uma só vez na vida» e de, até à morte, permanecerem fieis à recordação do seu primeiro e último amor.

É uma história romanêsca e impressionante a do drama íntimo de paixão que dilacerou a alma do grande Kosciuszko.

Em Varsóvia, durante o glacial inverno de 1776, Tadeu Kosciuszko, que então contava trinta anos, e era capitão de artilharia no exército polaco, assistia, triste e pensativo, sem tomar parte nas danças ou em outra qualquer diversão, a um baile oferecido pelo ilustre príncipe Zamoski.

A sua atitude era a de alguêm que apenas por obrigação viera àquela festa. Assim sucedia, de facto. O patriota, em Kosciuszko, sufocava quási completamente o homem, e não fôra nunca hábito seu desperdiçar as noites, que costumava dedicar ao estudo da táctica e da estratégia, estudos êsses — pensava o jóvem artilheiro — que o habilitariam a, num futuro talvez bem próximo, servir dignamente a sua desventurada Pátria.

Mas, nessa noite, vira-se obrigado, pelos deveres militares, a fechar os livros, vestir o grande uniforme, a-fim-de, juntamente com os outros oficiais, acompanhar o coronel, comandante do seu regimento, ao baile que o príncipe Zamoski dava no seu magnífico palácio, para festejar o dia do santo onomástico do rei.

Sòzinho, a um canto da sala, o capitão Kosciuszko permanecia absorvido em melancólicas reflexões, completamente alheio à alegria e prazer dos seus camaradas, que borboleteavam — quais frívolas mariposas — em redor das mais formosas damas. Outra dama mais bela, mais nobre e mais digna de ser amada e servida do que as donzelas presentes, ocupava os seus pensamentos — a Polónia a sua tão querida e martirizada Pátria!

Para êle não havia mulheres, não havia música, não havia festa. Naquela requintada sociedade, cheia de elegância e esplendor, o môço oficial nada via nem ouvia. As palavras do diálogo verdadeiramente humilhante travado entre o príncipe Zamoski e o insolente embaixador da Rússia que ao acaso, momentos antes surpreendera, ressoavam-lhe sem cessar aos ouvidos, martelando-lhe implacávelmente o cérebro. Estivera prestes, no auge da sua indignação, a desembainhar a espada, e caír sôbre o arrogante moscovita, pronto a sacrificar a sua vida, para lavar com sangue essa afronta que, dirigida ao príncipe, atingia tambem a Polónia e, portanto, todos os polacos. Mas tivera que crispar os punhos em silêncio e curvar a cabeça, deixando passar assim impunemente um insulto mortal, a-fim-de não acarretar novas desgraças para a sua desventurada Pátria.

Infeliz Polónia! Já nada lhe restava da sua grandeza de outros séculos! Como iam longe — evocava saudosamente o patriota Kosciuszko — os tempos de Boleslau, em que os polacos tão temidos se haviam tornado dos alemães e dos russos; os de Casimiro IV, em que haviam tornado a Prússia vassala da Polónia, e esta a mais importante potência do Norte; os de Segismundo III, em que após, uma campanha gloriosa, haviam tomado Moscovo, e os de João Sobieski, em que, pelos feitos de armas dos herois polacos e as retumbantes vitórias dêsse paladino a Polónia se impuzera ao respeito e à admiração da Europa inteira!

Êsses tempos iam longe, realmente! Tudo mudára. A orgulhosa potência, que outrora impunha a sua vontade aos czares, achava-se hoje repartida, dividida "dissecada viva» entre a Austria, a Prússia, e a Rússia, reduzida, embora com o título honorífico de reino e um soberano nominal, a uma simples província russa

Polónia! — quadro de Jan Styka, vendo-se, ao centro, Kosciuszko com a sua bandeira

Tadeu Kosciuszko

de o embaixador da imperatriz Catarina II, um déspota infame, era o verdadeiro rei, um rei odioso e cruel, que esmagava o povo e procurava reduzir os altivos aristocratas polacos tão ciosos da sua independência à categoria duns ínfimos escravos! Parecia que o génio da Polónia o abandonara, entregando-o às garras da terrível águia moscovita!

Ninguêm, em todo o reino, sofria tanto com êsse triste estado de coisas como Tadeu Kosciuszko. É que, êle amava a sua Pátria mais do que amara pais e família, com êsse amor que se tornara uma adoração idêntica àquela que se consagra a Deus.

Era a sua bem-amada, a eleita da sua alma, a ideal dama dos seus pensamentos, pela qual se quereria bater como os místicos e iluminados cavaleiros de outros séculos.

Tinha uma espada, era certo — cogitava amargamente o môço artilheiro — e sabia manobrar canhões, mas o que poderia fazer sòzinho, para libertar a sua Pátria?

A festa continuava o decorrer, no meio da maior animação e brilhantismo, enquanto Tadeu Kosciuszko, indiferente à alegria que esfusiava em redor, permanecia embrenhado nos seus patrióticos pensamentos, evocando os feitos dos velhos herois polacos, e também êsses outros grandes da antiguidade, cujos feitos Plutarco — o seu autor preferido entre todos — imortalizára na sua obra.

A figura daquêle jovem oficial, cujo sumptuoso uniforme ainda mais fazia realçar a elegância natural e a sua máscula, embora irregular beleza, imóvel, tal como uma cariátide viva, a um ângulo da sala, sem tomar parte nas danças, atraiu as atenções femininas. A mais formosa das donzelas presentes, a mais bela flor no meio dessas viçosas flores, aquela que, entre tôdas, podia ser considerada verdadeiramente a rainha, notou-o também e, repetidas vezes, esquecida dos requintados galanteios que murmuravam a seus ouvidos garbosos mancebos, possuídores de grandes nomes e vastíssimos domínios, a sua vista se dirigiu para o atraente capitão de artilharia, cuja alma parecia estar tão longe do baile.

O olhar do jovem oficial encontrou-se por fim, com o da gentil rapariga. Nada mais foi preciso. Dir-se-ia que nas formosíssimas pupilas da jovem residia uma fôrça misteriosa e invencível, semelhante à que o iman exerce sôbre o ferro, pois, acto contínuo, Tadeu Kosciuszko se sentiu dominado. Desceu à Terra, como se costuma dizer. Olvidou os seus épicos e gloriosos sonhos e olhou-a também fixamente, maravilhado com a sua esplêndida beleza, a sua graça ingénua e virginal encanto. Reconheceu que lhe era impossível desviar a vista daquelas incomparáveis pupilas — verdadeiras estrêlas humanas em que uma tão formosa alma parecia reflectir-se. Kosciuszko esqueceu os seus tristes pensamentos, e o eterno e encantador sorriso que lhe animava o semblante duma atracção irresistível, reapareceu nos seus lábios. Sentiu o coração cantar-lhe dentro do peito um hino de alegria. Cordas desconhecidas da sua alma vibravam. Lembrou-se de que era novo e veio-lhe o desejo de conceder à mocidade os seus direitos, aspirou a gozar um pouco a juventude, a viver e amar, enfim, a amar aquela deliciosa criatura que — ia jurá-lo — devia ser tão bela de corpo como de espírito.

Estabeleceu-se entre os dois como que uma corrente magnética. O olhar da formosa rapariga continuou poisado sôbre êle, envolvendo-o numa suave e aliciante carícia, chamando-o a si, por assim dizer. Obedecendo a êsse chamamento mudo, Kosciuszko dirigiu-se a um dos seus camaradas, e pediu-lhe que o apresentasse àquela menina tão linda, que parecia um anjo perdido no meio das mulheres.

Minutos depois, o capitão de artilharia, curvava-se diante da bela Sosnoska filha do ilustre príncipe José Sosnoski, "etman" da Lituânia, e, durante o resto da noite, conversaram, animadamente, lado a lado, encantados um com o outro, numa estreita comunhão espiritual.

Estava começado o romance, ou antes o drama de paixão, que faria tôda a felicidade e tôda a desgraça daqueles dois entes.

Era o primeiro amor de Kosciuszko e havia de ser o último. Tôda a vida, até à morte, sucedesse o que sucedesse, a radiosa imagem de Sosnoska permaneceria indelevelmente gravada no seu coração.

O acaso pareceu favorecer o jovem apaixonado. O seu regimento foi transferido de Varsóvia para a Lituânia e aquartelado no castelo do pai de Sosnoska.

O marechal príncipe José Sosnoski, "etman" da Lituânia, era um dêstes antigos magnates polacos, senhores absolutos dos seus imensos domínios, implacáveis para com todo aquele que ousasse cortejar alguma mulher, ou donzela pertencente à sua augusta família. Não ia longe o tempo em que, um velho fidalgo, polaco, tendo surpreendido as relações amorosas que a espôsa mantinha com o belo Ivan Mazeppa, o fizera atar, completamente nú, ao dôrso dum cavalo selvagem e o largara no meio duma floresta, deserta.

Mas o príncipe, que vivia no seu castelo, num estado quási realengo, no meio da mais extraordinária magnificência, nem por sombras desconfiou de que aquele simples oficial de artilharia, filho dum fidalgo dependente dos Csartoriski, ousasse erguer os olhos até os degraus do trono, onde uma princesa como a sua filha se assentava, e, cego pelo orgulho, não hesitou em lhe abrir, de par em par, as suas portas. Dêste modo, Tadeu pôde aproximar-se da sua bem amada e falar-lhe mesmo algumas vezes a sós.

Um dia, Sosnoska manifestou ao pai o desejo de se aperfeiçoar no francês. O príncipe comunicou ao comandante do regimento a resolução da filha e, imediatamente, o coronel indicou Kosciuszko, que falava tão bem a língua francesa como a materna, devido ao longo estágio que fizera em França, quando, em prémio do curso brilhante que tirara na Escola dos cadetes de Varsóvia, fôra mandado para a Academia Militar de Versalhes, e mais tarde para Brest, estudar fortificação e táctica naval.

O príncipe concordou, absolutamente com a escolha, e, desde êsse dia, foi permitido a Tadeu Kosciuszko ir passar tôdas as noites na companhia da sua querida Sosnoska.

Estudavam francês, relendo os livros impregnados da filosofia humanista de então, conversavam sôbre mil assuntos e faziam-se mutuamente as suas confidências.

A filha do "etman" era um elevado e esclarecido espírito, e, como possuia um invulgar descernimento para ajuizar o carácter dos indivíduos, compreendeu a qualidade de homem que tinha a seu lado. Tudo nêle, desde o seu ardente patriotismo até à sua extraordinária inteligência, desde a sua resplandecente beleza moral até à sua indómita bravura, a encantou.

Pelas mulheres nutria, como todo o verdadeiro paladino, um profundo respeito e uma viva ternura.

Adorava as crianças, cobria-as de afagos, de modo que, ao vê-lo, tôdas corriam, loucas de alegria, a refugiar-se nos seus braços. Repartia com os pobres tudo o que possuia e falava-lhes afàvelmente, como a iguais.

Tôdas essas qualidades reünidas, formavam um conjunto adorável a que nenhum coração poderia ficar insensível. Sosnoska admirou, respeitou e amou Kosciuszko com um afecto que tocava a adoração, e sentiu-se feliz e orgulhosa por ter sido eleita por aquele homem arcanjo que, no seu entender, era superior a todos os monarcas da Terra.

— É um santo! É um herói — pensava Sosnoska, maravilhada.

E, ao contrário do que quási sempre sucede com as donzelas apaixonadas, ela não se enganava realmente.

A mãe de Sosnoska, a esposa do terrível marechal príncipe, assistia freqüentemente às lições e, embora não podesse compreender os ardentes protestos que os dois enamorados trocavam em francês, em breve percebeu (um coração materno nunca se engana) o estado de alma da filha.

Um dia, chamou-a aos seus aposentos e pediu-lhe que lhe revelassse a verdade. Sosnoska lançou-se, chorando, nos braços da mãe e confessou-lhe que amava Tadeu Kosciuszko, dizendo-lhe também que embora o seu noivo apenas possuisse o seu uniforme e a sua espada, não o trocaria pelo mais poderoso soberano do Mundo. A princesa misturou as suas lágrimas às da filha, triste, muito triste, pois bem sabia que jamais o orgulhoso "etman", que projectava para a filha um brilhantíssimo enlace, a daria por esposa a um capitão de artilharia.

E assim se passou quási um ano. Ao cabo dêste tempo, Kosciuszko, sabendo que dentro em pouco seria transferido com o seu regimento para Kovno, decidiu, embora sem a menor esperança de êxito, ir pedir ao "etman" a mão de Sosnoska. Debalde pediu, suplicou aos pés do marechal príncipe. Este, permaneceu inflexível, respondendo às súplicas com a mais altiva e desdenhosa das recusas.

Mas o amor de Sosnoska não era de renúncia, e, persistente e exaltada como tôdas as polacas, pediu ao seu noivo que a raptasse.

Tadeu fez-lhe compreender que essa resolução implicava não só abandonar a sua família, mas também uma excelsa categoria e uma fortuna imensa, para levar, na Rússia, junto dum simples oficial como êle, uma existência de pobreza e de exílio. Repetidas vezes a aconselhou a não levar tão longe o seu amor e o seu sacrifício por êle. Porém, nenhuma dessas considerações materiais demoveu a apaixonada rapariga e, uma noite, às ocultas de todos, deixou o castelo paterno, na companhia de Tadeu Kosciuszko. A traição dum dos cúmplices do rapto preveniu antecipadamente o velho "etman" acêrca do projecto de fuga urdido por Sosnoska. Foi então que o carácter diabólico e maquiavélico do príncipe Sosnoski se revelou em tôda a sua tenebrosa extensão. O seu primeiro pensamento foi vingar-se da ousadia de Kosciuszko, mandando-lhe tirar a vida imediatamente. Mas reflectiu. Os tempos em que o poder dos "etmans" era absoluto e fazia tremer os próprios reis, passara definitivamente. Era impossível mandar assassinar ou executar um capitão de artilharia, pertencente ao regimento aquartelado na Lituânia. O melhor era fingir que nada sabia, deixá-los partir e, a certa altura do caminho, surgir-lhes à frente dum bando de sequazes. Cairiam sôbre êle, arrancar-lhe-iam a rapariga, e, na luta que, inevitàvelmente, se seguiria, Kosciuszko encontraria a morte.

A algumas léguas do castelo, quando os dois namorados se julgavam enfim livres para se unirem e se amarem, o "etman" surgiu à frente dos seus servos armados até os dentes e lançaram-se sôbre o infeliz raptor, com a mesma fúria com que se atirariam a um lobo. O bravo oficial desembainhou a espada e fez frente a todo o bando com a mais denodada bravura, espalhando o terror e a morte em redor de si, até que tombou gravemente ferido, num charco de sangue. Pareceu-lhe ainda ouvir, ao longe, a voz da sua bem amada chamar entre gritos de desespêro lancinante: — Tadeu! Tadeu!...

Depois, nada mais distinguiu. A vista obscureceu-se-lhe e sentiu-se desmaiar. Quando recuperou os sentidos, viu-se só. Sosnoska, o "etman" e os servos tinham desaparecido. Como recordação da passagem na sua vida daquela adoravel criatura só restava um lenço que encontrou caído ao seu lado. Beijou-o e meteu-o no peito, jurando que pouco ou muito tempo que vivesse, ali o conservaria como uma relíquia.

Ao contrário de tôdas as espectativas, Kosciuszko sobreviveu aos seus terríveis ferimentos. Porém, como se a fatalidade, em desforra de não ter conseguido destruir-lhe o corpo, resolveu dilacerar-lhe a alma. Mal o infeliz rapaz se viu restituido à vida, chegou uma notícia que veio atingi-lo em pleno coração. A desventurada Sosnoska, constrangida pelo "etman" que, positivamente, a arrastara ao altar, tinha desposado outro homem, um príncipe muito rico e poderoso.

Ao receber esta funesta nova, que punha um tão doloroso e brutal fim aos seus lindos sonhos de amor e felicidade, Tadeu julgou enlouquecer e, no auge da sua dôr, da sua revolta contra o destino, que parecia comprazer-se em ceifar as suas mais queridas esperanças, preguntou a si próprio, num paroxismo de desespêro, porque não caíra êle, ao lado da sua noiva, naquela sangrenta refrega sob os golpes dos servos do "etman"?

Se a desgraça o houvesse ferido ùnicamente a êle — pensava Kosciuszko — teria suportado resignadamente a sua cruz, mas havia Ela, a sua adorada Sosnoska que, nêsse momento, devia sofrer ainda bem mais, exilada junto daquele homem, quási um desconhecido, que lhe tinham imposto para companheiro dos seus dias.

E, de futuro, embora com a morte na alma, tinha que continuar a viver, a viver até o fim da sua existência — desesperava-se o jóvem capitão. — Para quê? E para quem? Só lhe restava procurar a morte na primeira batalha que se lhe deparasse...

De súbito, uma voz interior, a voz do patriota, ergueu-se na alma de Tadeu Kosciuszko, e fez calar o amoroso. A chama sagrada do amor da Pátria secou as lágrimas do apaixonado infeliz. Um pálido e triste sorriso, repleto de amargura, mas ao mesmo tempo de resignação, aflorou aos seus lábios descòrados. Tinha compreendido o seu destino e aceitava-o, sem revolta, antes pelo contrário. A sua mocidade e a sua vida amorosa estavam terminadas, pois não era dêsses homens felizes que, sôbre as ruínas dum sonho, constroem outro e refazem a sua existência. Renunciava para sempre, a tôda a alegria e felicidade que lhe poderia trazer o casamento. A' sua bem amada adorava-a, e adora-la-ia sempre, até ao seu último momento. Mas, visto que o destino, separando-o de Sosnoska, o impedia de consagrar a sua vida à bem amada real, viveria para a outra, para a

Kosciuszko prisioneiro de Catarina II

bem amada ideal, viveria para a Polónia. E, já que não era êsse o momento de levantar uma revolta, partiria, como tantos dos seus compatriotas, para a América, reünir-se a La Fayette e a Washington, a fim de ir auxiliá-los na sublime missão de libertar um povo oprimido. Depois, mais tarde, voltaria, para então se dedicar de corpo e alma à libertação da Polónia.

Nunca no seu lar êrmo de afectos Sosnoska pôde esquecer-se do seu antigo noivo. O seu coração dera-o para sempre a Kosciuszko, ao esposo da sua alma, e não podia nem queria tornar a rehavê-lo. Era, pois, uma desolada viuva, e nada mais.

Quando o acaso lhe trouxe ao conhecimento que o capitão Kosciuszko partira para a América, a princesa convenceu-se de que êle ia procurar no Novo Mundo uma morte voluntária.

Enganava-se, porém. Kosciuszko havia de voltar, depois de ter escrito o primeiro canto da epopeia de glória que foi a sua vida.

Na América, o capitão de artilharia polaca bateu-se heroicamente ao lado de La Fayette e Washington, que o nomeou seu ajudante de campo, e, terminada a guerra, foi um dos quatro designados para receberem as recompensas nacionais votadas pelo conselho.

Ao regressar à Polónia, os seus compatriotas receberam-no no meio duma delirante ovação. Tanto no mais opulento palácio, como na mais humilde choupana, todos, homens, mulheres e crianças repetiam, entusiasmados, os feitos do general Kosciuszko. A sua extraordinária bravura, as admiráveis qualidades de estratégia que desmonstrára, os numerosos ferimentos que recebera, os seus sentimentos de humanidade, que o tinham levado a defender, com risco da própria vida os prisioneiros que os americanos queriam massacrar, eram o assunto das conversas gerais.

Porém, nenhum coração o aclamou tanto, nenhum acolheu o seu triunfal regresso com tanta alegria e orgulho como Sosnoska. Quereria poder correr ao seu encontro, vê-lo, ainda que fôsse só por um instante. Mas era impossível...

Um dia, por intermédio dum amigo comum, a princesa soube que o moço general conservava, preciosamente guardado, no peito, o lenço que ela deixára caído no campo da refrega; que êsse lenço o acompanhara sempre, através de todas as suas batalhas, e que fizera um

Kosciuszko na batalha de Raclawice

juramento de que ali, sôbre o coração, que tanto batera e ainda batia pela filha do "hetman" da Lituânia, o conservaria até a morte.

Perante esta revelação, Sonoska comoveu-se extremamente e, tanto pediu, tanto suplicou, que obteve do marido autorização para se escrever com o general Kosciuszko. E assim principiou essa célebre correspondência impregnada dum tão nobre e puro afecto recíproco, que se havia de manter contínua e inalterável.

Anos depois, em 1792, Sonoska assistiu à sublevação da Polónia, de que Tadeu Kosciuszko foi um dos principais chefes. Principiou então a maravilhosa epopeia do amor e sacrifício á Pátria que, como já dissemos, poderia denominar-se a existência do paladino da independência polaca.

Á frente de 4.000 homens Kociuszko venceu 20.000 russos em Zielenée e sustentou em Dubienka, com um punhado de bravos, uma luta homérica.

Esfôrço inútil! O embaixador da Rússia, o que dominava completamente o fraco rei da Polónia e os membros mais influentes da Dieta, fez-lhes aceitar a segunda partilha. O general Kosciuszko foi obrigado a retirar e exilou-se, voluntàriamente, partindo para Dresde.

No princípio de 1794, os patriotas que tinham levantado as insurreições nacionais de Varsóvia, Wilna, Somogitia e Curlandia contra os russos, foram oferecer ao heroi de Zielenée o comando geral das tropas e a ditadura.

Kosciuszko aceitou e, a 24 de Março, de noite, à luz chamejante dos archotes, entrava em Cracóvia no meio das mais entusiásticas aclamações.

— Viva o salvador! Viva o libertador da Polónia! Bradavam todos em unísono.

E êle tela-la-ia salvo, realmente, se os nobres polacos lhe tivezsem querido obedecer.

O primeiro acto de Tadeu Kosciuszko foi decretar o levantamento em massa e, á frente das tropas que conseguiu reünir à pressa, correu ao encontro dos russos. Não era um exército devidamente organizado. Era uma legião de bravos, composta, na maior parte, de camponeses, armados de lanças e de foices, que caminhava para a luta, para a morte... Iam todos felizes por contribuirem com o seu sacrifício para a libertação da Pátria.

Apesar das deproporção de forças e da falta de material, a vitória, devido aos prodígios de heroïsmo de Kosciuszko e dos seus oficiais e soldados, coube aos polacos, na sangrenta batalha de Raclawise, tão desastrosa para os russos.

Após êste retumbante triunfo de armas, tôda a Polónia se sublevou. Porém as divisões de classe vieram como quási sempre sucede em casos tais, perder o que estava alcançado.

Kosciuszko decretára o levantamento em massa, mas, parte da nobreza, sabendo que o general, uma vez vencedor, tencionava propor a libertação dos servos, e, preferindo antes sujeitar-se ao domínio do opressor do que consentir na emancipação do povo, contrariou essa medida. O resultado foi que, exactamente no momento em que os prussianos se uniam aos russos, a fim de esmagarem a Polónia, precisamente nesse momento Kosciuszko mal conseguiu reunir 33.000 homens. Mesmo assim, durante um mês, o general fez frente. com êxito, ao inimigo. No entanto, a resistência nessa luta tão desigual, sem receber o mínimo socorro do rei, que publicara um decreto contra a insurreição, tendo artilheiros, mas não possuindo material e apenas podendo contar com a infantaria e a cavalaria, tornava-se impossível.

A 6 de Junho, Kosciuszko perdeu a batalha de Szczeing, e, perante um avanço formidável dos prussianos e dos russos, executou uma retirada admirável, que maravilhou o próprio inimigo. Mas tudo parecia conjurar-se para malograr os esforços dos patriotas. A traição entregou Cracóvia aos russos, de modo que Kosciuszko teve que se limitar a cobrir Varsóvia. Durante quatro meses, lutaram ainda, heroicamente, embora já sem esperanças de vencer.

A 4 de Outubro, Kosciuszko, compreendendo que o fim se aproximava, não ocultou aos seus oficiais e soldados que os esperava uma derrota e autorizou aqueles que o desejassem a retirar-se.

Porém, era tão grande o prestígio do general, pela sua bravura, patriotismo e dignidade, que nenhum oficial, nem sequer um soldado — embora soubessem que caminhavam para a morte — o quiz abandonar.

No dia seguinte travava-se a fatal batalha de Macieowise. Kosciuszko decidido a morrer em holocausto à Pátria, mas de armas na mão como um verdadeiro paladino, opoz ao inimigo a mais heroica e desesperada das resistências. Teve oito cavalos mortos, até que a terrível sabrada dum cossaco, acertando-lhe na cabeça, o derrubou.

Os sobreviventes dessa terrível hecatombe de polacos que foi Macieowise, deixaram-no como morto no campo de batalha. Durante vinte e quatro horas, Tadeu Kosciuszko permaneceu estendido na terra sem recuperar os sentidos. Quando voltou a si, estava prisioneiro dos russos.

A imperatriz Catarina II não quiz assumir o odioso de mandar executar o heroi nacional da Polónia — aquele que os próprios soldados russos consideravam um santo — mas como, por outro lado, convinha à sua política o desaparecimento dêsse paladino, deixou-o nos seus cárceres sem lhe enviar socorros médicos. Dois anos depois, quando, morta a czarina, o Imperador Paulo I veio pessoalmente à prisão restituir a liberdade a Kosciuszko, encontrou-o com a cabeça envolta em ligaduras manchadas de sangue. A ferida ainda não cicatrizara!

Uma vez livre, o general dirigiu-se à América, onde foi magnificamente recebido. Daí para França, e depois para a Suiça. A sua existência era triste, pois apesar da República de Roma lhe ter oferecido a espada de João Sobieski, rei da Polónia, não via probabilidades de a empunhar em defesa da Pátria. Apenas as cartas, sempre freqüentes, da sua querida Sosnoska, lhe serviam de lenitivo. Dedicou-se então exclusivamente aos pobres e aos desherdados da sorte. Tôda a miséria, todo o sofrimento, tôda a dor, encontravam eco no seu coração. Com o desinterêsse que sempre o caracterizou — desinterêsse êsse que o levára a renunciar as grandes propriedades e territórios que o czar Paulo I lhe doara e a abandonar, em favor de obras de caridade, a pequena fortuna que, por ocasião da sua última visita, os americanos lhe tenham oferecido — Kosciuszko dispunha de tudo que possuia para auxiliar os necessitados.

E assim decorreram alguns anos. A falência das esperanças, que os polacos haviam depositado nas promessas de Napoleão I, a respeito de cuja palavra e individualidade êle sempre, contudo, nutrira a desconfiança instintiva do homem de bem pelo aventureiro, o insucesso das suas próprias tentativas junto do imperador Alexandre I da Rússia, e, por fim, no congresso de Viena, ainda mais vieram aumentar a sua tristeza.

Porém, um dia, a sua fronte desanuviou-se e um sorriso de felicidade assomou aos seus lábios. Numa carta, muito simples, Sosnoska anunciava-lhe que estava viuva, senhora das suas acções e da sua fortuna, e que ia partir imediatamente a reünir-se-lhe na Suiça.

Mas a fatalidade não quiz que Kosciuszko e Sosnoska, ao cabo de tantos anos de infortúnio, tivessem ao menos a consolação de unirem os seus destinos no outono da vida.

Quando a infeliz Sosnoska chegou a Soleure, encontrou uma sepultura encerrada há poucos dias. Sôbre a pedra tumular lia-se um nome e uma data: *General Tadeu Kosciuszko — 15 de Outubro de 1817.*

Os restos do grande Kosciuszko foram, mais tarde, reclamados pela Polónia, conduzidos com a maior solenidade a Cracovia e sepultados na catedral, no jazigo dos reis, ao lado de Sobieski. Depois ergueram-lhe um monumento, tão gigantesco como gigantesco havia sido o seu vulto de heroi perante a história. Gastaram três anos na sua construção. Não empregaram nêle nem o mármore nem o bronze, mas terra, terra da Polónia, terra do Patria que Tadeu Kosciuszko tanto amara e pela qual tanto se havia sacrificado.

EUNICE PAULA.

UMA LOUVAVEL INICIATIVA

do sr. ministro da Marinha Brasileira

GRAÇAS à louvável iniciativa do sr. almirante Henrique Aristides Guilhem, ilustre ministro da Marinha do Brasil, acaba de ser salvo um precioso manuscrito que se ocultava na Biblioteca da Marinha e se esfacelaria pela acção destruïdora do tempo e das traças.

Trata-se da *Recopilação das famosas armadas que para a India foram desde o ano em que se principiou sua gloriosa conquista — Nomes das embarcações, dos capitães, governadores e vice-reis, capitães-móres, almirantes e cabos que as navegaram, e sucessos que tiveram até o ano de 649*, de que foi autor Simão Ferreira Paes, natural do Pôrto, Cavaleiro Fidalgo da Casa de Sua Majestade e Familiar do Santo Ofício.

É desvanecedor, em boa verdade, o interesse que o ilustre estadista brasileiro manifesta pelas tradições gloriosas de Portugal. Por sua ordem o venerando manuscrito foi fielmente reproduzido e traduzido pelo capitão de fragata Didio Iratym Afonso da Costa que se desempenhou primorosamente da difícil incumbência.

Eis como êste brioso oficial relata o seu trabalho:

«Examinando o manuscrito, para efeito da sua *reprodução fiel e trasladação para o Português actual*, logo se verificou que a reprodução fotográfica deixaria muito a desejar nas estampas subseqüentes que o sr. almirante H. A. Guilhem projectava mandar reproduzir, mostrando mais uma vez os pendores do seu espírito, atreito aos mais nobres intuitos de cultura e ao espaço do que lhe parece ter e realmente tem valor.

«Remediou-se a circunstância, todavia. O sr. director da Imprensa Naval, comandante Alexandre de Azevedo Lima, com tôda a solicitude e interêsse, encarregou da *reprodução fiel* o funcionário, gravador daquêle estabelecimento, Alberto Vitorino de Matos, o qual, como o seu trabalho constata, deu cumprimento irrepreensível à tarefa, ressurgindo a nanquim, sôbre papel vegetal, pelo decalque, tôda a velha *Recopilação* de Simão Ferreira Pais. Além dessa tarefa, o funcionário citado desenhou as capas das diferentes partes que ora acompanham o manuscrito original, tendo sido arranjadas tôdas elas pela oficina de encadernação do mesmo estabelecimento gráfico do Ministério da Marinha.

«Para a *reprodução* dactilográfica, não sendo possível a cópia directa pelo dactilógrafo, foi necessária a do nosso punho, cópia essa com anotações à margem, que se junta ao original da tradução na Parte V — *Anexos*. Essa reprodução dactilográfica, exigindo todo o cuidado, foi feita pelo SO-ES Alfredo António de Melo, de maneira a merecer encómios.

«Ao manuscrito original, em resumo, acompanham quatro tomos, correspondentes à *reprodução fiel, reprodução dactilográfica, tradução dactilografada* na ortografia mixta mixta e anexos e anexos, constituídos pelos originais da cópia e tradução que fizemos».

Por aqui se avalia a árdua tarefa que «consumiu dez meses de actividade e buscas continuadas nas obras mais reputadas que historiam os notáveis descobrimentos dos valorosos portugueses».

Sumariando o seu valoroso manuscrito, o seu restaurador diz:

«A' parte da *Recopilação*, a mais extensa, segue-se uma *Proclamação e peroração a Deus Nosso Senhor, pedindo-lhe seu divino favor para esta Monarquia Lusitana e vida de El-Rei Nosso Senhor, D. João IV, e mais Casa Real.*

«Finalmente, o cavaleiro fidalgo Simão Ferreira Pais completou o seu manuscrito com um poema heroico, à maneira camoniana, composto por 142 estâncias, em espanhol daquêle tempo, tendo por título: *Transformação do Cabo da Boa Esperança, na qual o autor fala com Sua Majestade o rei D. João IV, Nosso Senhor.*»

Eis a primeira estância:

Mientras al Regio y sumptuoso As'ento
descanço da la vigilante llaue
Oh gran Monarca está unpoco atiento
à queste aum que humilde estilo graue
si por dar uado nó al entendimiento
Por oyr sy la fabula suaue
de aqueste corto ingenuo fabricada
quando dexo ami pluma, hablar mi espada

que foi traduzida assim:

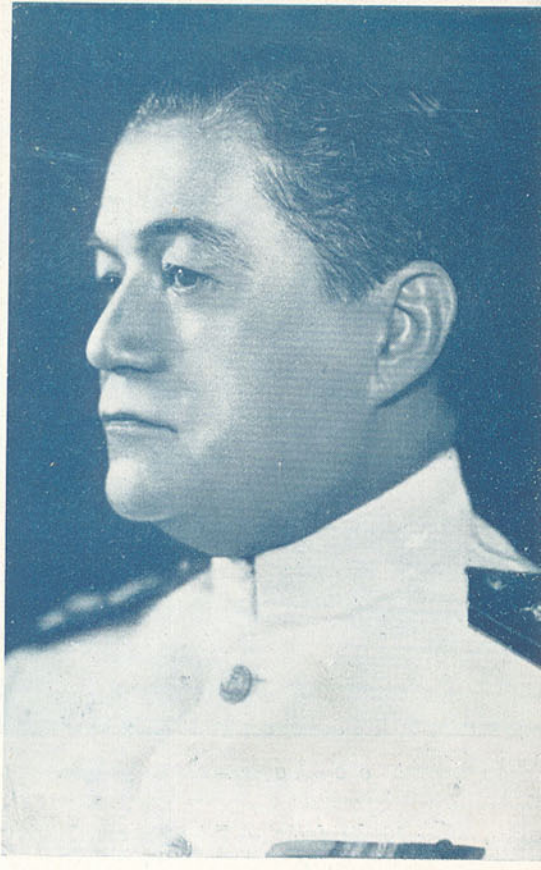
Enquanto ao régio e sumptuoso Assento
Descanso dá a vigilante chave,
Oh! grande monarca, está um pouco atento
A êste que ainda humilde estilo grave,
Senão para dar ensejo ao entendimento,
Para ouvir, sim, a fábula suave
Por êste curto engenho fabricada
Quando deixou à minha pena falar por minha [espada.

E o poema termina com esta estância:

Asta q'en algun tiempo descançando
de seis nezes passar lapuente adusta
salgra ella, tus glorias celebrando
sobre las alas, de la fama augusta
aora mientras ua la mar surcando
de oyr del mar las mismas cosas gusta
q' si entu corte algun descanço espero
es para ser de ti, Alexandre, Homero.

que teve esta tradução:

Até que em algum tempo descansando,
De seis vezes passar a ponte adusta,
Saia ela tuas glórias celebrando,
Sôbre as asas da fama augusta.



Almirante Henrique Aristides Guilhem, ministro da Marinha Brasileira

Agora enquanto vai o mar sulcando,
De ouvir do mar as mesmas coisas gosta,
Que se em tua côrte algum descanso espero,
E' para ser de ti, Alexandre, Homero!

Em resumo: graças à feliz iniciativa do ilustre ministro da Marinha, do Brasil, sr. almirante Guilhem, salvou-se êste valioso documento que o dr. Sacramento Blake classificara no seu Dicionário Bibliográfica Brasileiro» de «manuscrito raro e precioso».

Simão Ferreira Pais termina afirmando que os portugueses revelaram aos sábios da terra muitos segrêdos da natureza que jaziam escondidos no profundo, esquecidos de excelentes filósofos; chegaram despregando bandeiras, tomando cidades, sugeitando reinos, onde nunca o vitorioso Alexandre nem o afamado Hércules puderam chegar; achavam novas estrêlas, navegaram mares e climas incógnitos; descobriram a ignorância dos geógrafos antigos que o mundo tinha por mestres de verdades ocultas; diminuiram e acrescentaram graus; emendaram alturas; e, sem mais letras especulativas que as que se praticam no convés do navio, gastaram o louvor a muitos que em célebres universidades haviam gastado seu tempo. Reprovaram as tábuas de Ptolomeu, porque, caso que fôsse varão doutíssimo não sondou aqueles mares nem andou por aquelas regiões; descobriram o sepulcro e martírio de S. Tomé na cidade de Meliapor do Reino de Narsinga.

«Ouso afirmar que não há nação na terra conhecida a que tanto se deva como aos portugueses e quem dêles souber outras muitas cousas que deixo confessará que meus louvoures ficaram muito àquém e que pudera dizer muito e muito.»

O «Grande Geyser» — vulcão de água quente

RECORDAÇÕES DE

ATRAVÉS DOS

O ENCANTAMENTO DO

10 de Julho. — Estamos em Tilbury, donde o "Arandora Star" vai levantar ferro com rumo a mundos para nós desconhecidos. Invade-nos uma ansiedade indescritível.

São 16 horas. O formoso barco entra em movimento sulcando o Tamisa com a imponência dum cisne.

Ao largo, divisa-se a famosa fortaleza quatro vezes centenária que Henrique VIII fizera erguer na intenção de proteger a sua querida Londres contra qualquer invasão pelo lado do rio. Pelo visto, o celebrado Barba Azul britânico não pensava apenas em trucidar as mulheres com quem ia casando.

Entretanto, o "Arandora Star" afastava-se plàcidamente, e, duas horas depois, encontrava-se em pleno Mar do Norte. Navegava a 16 milhas — velocidade de cruzeiro.

No dia seguinte, já ao norte da Escócia, assistimos a um tão belo pôr de sol que nos conservamos em êxtasi durante todo êsse tempo. Eram 22 horas e meia. O mar glauco, colorido pelos últimos reverberos do Astro-Rei, mantinha-se tranqüilo como um lago. Dir-se-ia um grande espelho em que o sol se mirasse, num requinte de elegância, antes de ir iluminar outras paragens.

Dentro em pouco estaremos em Trangisvaag — a capital das ilhas de Faroé. Pelo menos, é o que se diz a bordo.

Que terra será essa? A civilização, que tudo transforma e transfigura, já ali teria entrado com o seu camartelo aperfeiçoador?

Informações de bordo dizem-nos que se trata duma terra pobríssima, êrma de confortos, estreitamente ligada às suas velhas tradições piscatórias, petrificadas pelo frio, e que vão passando de pais para filhos, num culto inalterável.

Não deviamos estar longe — diziam-nos.

Com efeito, no dia 12, às 17 horas, chegávamos à baía de Trangisvaag, cujo aspecto, em boa verdade, não era de molde a encantar quem levava a alma sequiosa de beleza.

Por sua vez, aquela terra não nos fez uma recepção por aí além. Caía uma chuvinha impertinente que nos tirava qualquer ideia de digressão.

Quem desejaria desembarcar? Dos quinhentos turistas que viajavam no "Arandora Star" só setenta se aventuraram a pôr pé em terra. Continuava a chover. Parecia que o céu plúmbeo daquela terra taciturna, lamentava a nossa chegada com prantos.

Chovia, chovia sempre. E aquelas bagas mornas davam a impressão de lágrimas caindo sôbre nós. E porquê? Para ocultar a miséria resignada daquelas paragens?

Em Trangisvaag que, segundo nos dizem, tem uma população de 1.200 habitantes, encontramos apenas velhos, mulheres e crianças. Então não há homens válidos? É que êsses, nesta época do ano, vão pescar para as vastidões oceânicas da Groenlândia e da Islândia. As casas em que essa gente habita são tôdas em madeira, o que parece avolumar mais ainda a pobreza desta região. A única alimentação dos habitantes consiste em peixe e pato marítimo. As crianças para ali andam a habituar-se desde que nascem à tormentosa convivência do mar. São loiras como anjos, é certo, mas tôdas atrofiadas. E assim vivem e assim morrem...

Após cinco horas de estacionamento tomámos o rumo da Islândia, a ainda misteriosa Islândia do lendário rei de Thule.

O mar bonançoso parecia desmentir Pierre Loti que, no seu "Pescador de Islândia", lhe atribue o desgraçado fim do apaixonado Yann, perdido para sempre entre vagas revoltas e traiçoeiras enquanto a formosa Gaud pranteia a sua viuvez.

Finalmente, temos à vista Reykjavik, a formosa capital da "terra dos gêlos".

Desembarcamos imediatamente como que atraídos por um poderoso íman. Quási todos os passageiros tomaram os seus automóveis e seguiram para o interior da Ilha, na direcção do Grande Geyser — o famoso vulcão de água quente que entra em erupção todos os dias às 14 horas e meia. Havia muito que andar. Três horas, pelo menos, visto o vulcão encontrar-se a 150 quilómetros da capital.

Logo que chegámos — era meio dia — foi registada a temperatura da água por meio dum grande termómetro que logo acusou 50 graus. Para aquele grande enfermo, que tão belo lucro deixa aos seus assistentes, uma tal temperatura poderia ser considerada normal. A grande crise surgiria duas horas depois, isto é, o tempo necessário para irmos almoçar sossegadamente.

Quando voltámos — eram 14 horas — o grande termómetro marcava já 80 graus. A febre ia subindo gradualmente.

Ás 14 horas e meia ouviu-se um grande ruído subterrâneo que nos obrigou a fugir para longe da cratera. O enfermo ia entrar em convulsões, como um histrião de circo, para recreio dos seus visitantes.

Dentro de poucos segundos, começou a erupção que projectava a água a 80 e até a 100 metros de altura.

Ao mesmo tempo, por tôda a enorme planície, centenas de pequenos vulcões, tentavam imitar o Grande Geyser, elevando a sua água quente a 1 e 2 metros de altura.

A ilha, no fim de contas, é pobríssima, sob o ponto de vista agrícola, sendo a sua população pecuária reduzidissima para a sua área.

Regressámos a bordo às 19 horas, após um delicioso passeio através dessa Islândia que, sendo a "terra dos gêlos", no dizer dos dinamarqueses, é a que mais água quente nos apresenta...

A Baía do Rei em Spitzbergen

UM CRUZEIRO

GELOS ETERNOS

SOL DA MEIA NOITE

O "Arandora Star" segue a sua rota, passando às 9 horas do dia 16 ao lado da ilha Jan Mayen que nos dá a impressão de um grande guarda-chuva, aberto, e com as ponteiras apoiadas no mar. Está completamente deshabitada. Tôda coberta de gêlo, e com o sol a iluminá-la de frente, ofereceu-nos um dos mais interessantes aspectos dêste cruzeiro.

No dia 18, às 5 horas, chegámos ao Spitzbergen com a maior comodidade. O mar calmo não fazia uma ruga. A ilha lá nos esperava tôda coberta de gêlo, branquinha como uma noiva. Acompanhamos estas montanhas até às 13 horas, atingindo a latitude 80.º 34 N e a longitude 11.º 06 E — o ponto mais alto da navegação. Estavamos a 560 milhas do Polo Norte, com uma temperatura de 3º a bordo.

Durante o almoço o vapor esteve parado para maior comodidade. Nessa altura passou a bombordo um grande *iceberg* vindo do polo em direcção à Groenlândia.

Imponente essa montanha de gêlo desprendida das regiões polares que vai por ali fora, embelezando o mar e ameaçando as vidas.

Voltando para o sul, chegámos, horas depois, à Baía do Rei *(King's Bay)* com o fim de vermos o sol da meia noite tão apregoado em todo o mundo.

Ora, vendo bem as coisas, o sol não nasce à meia noite pela simples razão de que nunca chega a pôr-se.

É o dia de seis meses, e o sol da meia noite só é visível acima da latitude 69.º N. nesta época.

Na Baía do Rei existe uma mina de carvão que nos apresenta a tristeza fúnebre dum cemitério. Foi ali que, há anos, morreram duzentos operários russos vítimas duma explosão. Encontra-se hoje abandonada, e à roda dela paira um silêncio de morte.

Mais adiante, no extremo da baía, está ainda o esqueleto em ferro do hangar donde, há quatro anos, o general italiano Nobile partiu em exploração científica para o Polo Norte, tendo êste empreendimento ferido indelevelmente o legítimo orgulho da aviação italiana. Como se sabe, isso valeu a Nobile a sua demissão de general do exército e o desterro. Assim viveu em território russo até que surgiu o conflito italo-etíope, sendo chamado nesta altura por Mussolini que lhe confiou uma alta missão.

Seguindo a nossa digressão, encontramos três guardas noruegueses que representam ali a autoridade do seu país. Talvez nos pudessem facultar alguns esclarecimentos interessantes. Mas como nos poderiamos fazer compreender?

Felizmente, um dêles falava um francês ainda pior que o nosso, e, talvez por isso mesmo, nos compreendemos às mil maravilhas.

Contou-nos então o amável guarda o que é a vida tormentosa naquelas paragens durante o inverno, isto é, desde os primeiros dias de Setembro a fins de Junho, época em que os ursos ali descem diàriamente.

— Calculem que em Dezembro — contou-nos o guarda — eu e dois companheiros estivemos fechados na nossa barraca durante uma semana...

— Bloqueados pela neve?

— Não, senhor, pelos ursos que nos estabeleceram um cêrco em regra. A razão explica-se fàcilmente: faltando nesta altura o peixe e as focas que constituem o único alimento dos ursos, estes, atraídos pelo cheiro das conservas que tinhamos na barraca, não nos largaram a porta.

— E como se salvaram?

— Porque, providencialmente, chegou o peixe à Baía, e assim nos libertamos deste inferno que durou uma semana inteira.

— E quanto à caça?

— Em fins de Agosto de cada ano chega aqui um vapor saído de Trondheim duas semanas antes. Vem cheio de caçadores daquêle ponto, Tromsö e Hammerfest.

As grandes casas de peles da Noruega têm os seus caçadores contratados, aos quais fornecem, além do meio de transporte — ida e volta — no barco, o alojamento em cabanas em que vivem durante os longos nove meses de caça, isto é, de Setembro a fins de Maio. Por cada pele de urso grande pagam 5 libras. Depois de preparada, esta pele é vendida por um preço que vai de 8 a 10 libras.

Pena foi que o nosso amável informador nos tivesse dedicado apenas uma hora. Com mais vagar que coisas curiosas nos teria contado!

Num café de Tromsö indicaram-nos um rapaz que, no ano passado, matára 120 ursos no Spitzbergen, tendo recebido da casa Brandt, de Bergen, 600 libras contadinhas na palma da mão.

Intrépido moço! Disseram-nos depois

Mulher lapã com seus filhos

ter trinta anos de idade, embora aparentasse ter muito menos.

No entanto, quantos caçadores ali morrem durante êsses infindáveis nove meses!

Dos sofrimentos dos caçadores das regiões polares árticas ficamos fazendo uma idéa após a leitura das narrativas emocionantes que o falecido duque de Orléans — intrépido caçador como poucos — no seu livro "Chasses et Chasseurs Arctiques".

Singrando sempre para o Sul, passamos na manhã de 19 junto da Ilha dos Ursos, cuja vista nos foi vedada por um densíssimo nevoeiro.

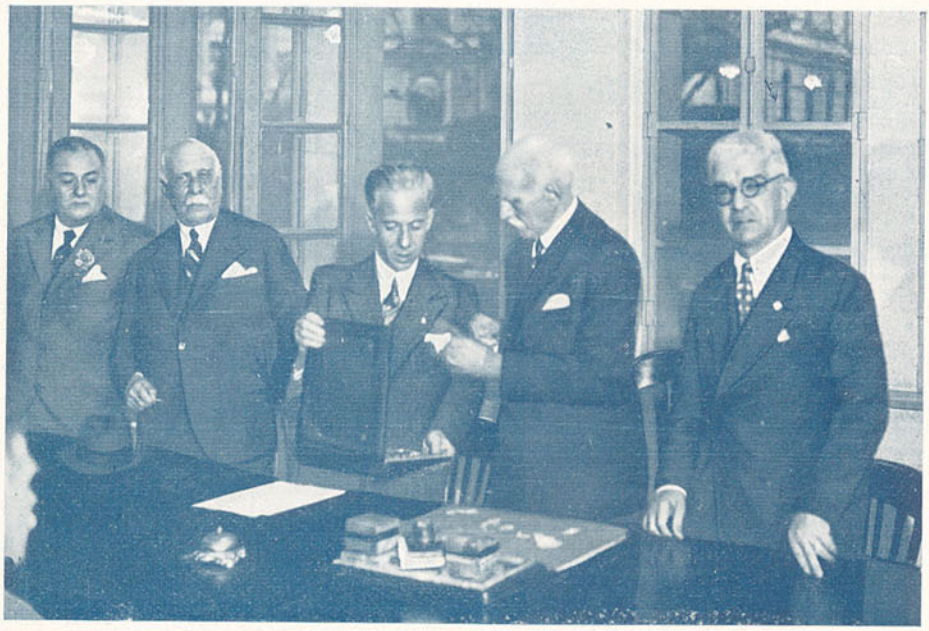
No dia seguinte, ás 22 horas e meia chegámos à linda baía do Cabo Norte, onde, pela segunda vez, e com um céu lindíssimo, sem a mais ligeira núvem, vimos o sol da meia noite.

Espectáculo único que jámais se apagará da nossa retina. Qualquer descrição, por mais eloqüente que fôsse, ficaria sempre muito áquem da verdade observada.

Contrastando com estas maravilhas naturais que nos parecem elevar a um mundo ideal, perfeito, paradisíaco, deparamos com uma pequena tríbu de lapões que, esqueléticos e andrajosos, vão arrastando a sua miséria através dessas paragens de sonho.

JOSÉ VINAGRE.

O sol da meia noite no Cabo Norte — o ponto mais alto da Noruega



Justa homenagem ao dr. Herbert Moses

Em cima: *O dr. Herbert Moses, ladeado pelos srs. conselheiro Camelo Lampreia, comendadores José Rainho e Vitorino Moreira, presidente da Câmara Portuguesa de Comércio, ao ser-lhe entregue o colar do Instituto de Coimbra pelo conde Dias Garcia, presidente da Federação das Associações Portuguesas do Brasil.* — Ao centro: *Um grupo da assistência na homenagem prestada ao dr. Herbert Moses, na Associação Brasileira da Imprensa.* Em baixo: *O sr. D. António de São Payo falando em nome do Instituto de Coimbra*

A Federação das Associações Portuguesas do Brasil prestou uma significativa homenagem ao sr. dr. Herbert Moses, um dos directores de *O Globo* e presidente da Associação Brasileira de Imprensa O sr. conde Dias Garcia fez entrega, ao homenageado, do colar do Instituto de Coimbra, por proposta do sr. dr. Costa Lobo.

Usaram da palavra o sr. António Luiz Ribeiro, e o sr. D. António de São Payo que, em nome do Instituto de Coimbra, felicitou o homenageado, terminando o seu discurso com estas palavras:

«Congratulamo nos mais uma vez com o Instituto de Coimbra e com o dr. Costa Lobo, pela alta, expressiva, justa e feliz iniciativa que nos proporcionaram o ensejo dessa homenagem ao dedicado Presidente da A. B. I., louvamos a imprensa brasileira pelas suas atitudes na defesa da liberdade de pensamento no intercâmbio cultural que intensifica a consolidação das relações entre Portugal e Brasil, a que nós portugueses estamos ligados pelo sangue, pela língua, pela raça e pelas tradições.»

Num feliz improviso, respondeu o dr. Herbert Moses, que agradeceu a homenagem, afirmando, mais uma vez, como sempre o fez na sua longa vida pública, sua dedicação e amizade à Terra Portuguesa.

Tôda a imprensa do Brasil destacou com comentários lisonjeiros e gentis o gesto do Instituto de Coimbra, elegendo para seu sócio o representante máximo do jornalismo brasileiro.

Ainda sôbre esta homenagem, além de pormenorizada notícia, o *Diário Português* publicou o seguinte «suelto»:

«Portugal e a imprensa brasileira. — O Instituto de Coimbra é uma das mais conceituadas colectividades científicas do nosso país. Dela tem feito parte, durante longos anos da sua existência, os nomes mais altos da mentalidade portuguesa. É uma instituïção que honra quantos são chamados a fazer parte do seu grémio. Por isso consideramos uma obra de justiça o haver sido entregue ao ilustre Presidente da Associação Brasileira de Imprensa o diploma de sócio dessa instituïção. Na pessoa do sr. dr. Herbert Moses por certo sobejam qualidades que justifiquem essa honra. Mas, evidentemente, ela se reflecte na imprensa brasileira, de cuja colectividade êle ocupa o primeiro lugar, por um direito natural dos seus preciosos dons intelectuais. Mas Portugal deve, não só ao ilustre jornalista, mas a tôda a imprensa brasileira, grandes serviços. O nosso país e a nossa gente é sempre tratada carinhosamente nas suas colunas, e serão poucos os nossos agradecimentos por essa benevolência. Assim, a homenagem do Instituto de Coimbra, prestada ao eminente sr. dr. Herbert Moses, alcança tôda a imprensa brasileira, tão digna dos nossos afectos, tão cuidadosa que ela é em se glorificar com as glórias e os triunfos da nossa Pátria. Foi uma merecida homenagem.»

Viana do Castelo — princesa do Lima

Das três principais cidades do Minho, que são três formosas irmãs, Viana do Castelo é talvez a mais bela. Não possui uma Sé como a de Braga, não tem museus como os de Guimarães, mas tem sem dúvida muito maior beleza natural.

Viana do Castelo, a poética cidade cantada por Sebastião Pereira da Cunha, o mavioso poeta, é uma das mais bonitas cidades de Portugal.

A paisagem que a rodeia é deslumbrante e a cidade graciosa e gentil, tão acolhedora que por qualquer lado que nela se entre é sempre deslumbrante a impressão sentida; parece que logo nos recebe de mãos estendidas, de braços abertos, e, logo nos toma o coração.

Quem entrar vindo da Galiza ou do Alto Minho, vem seguindo á beira-Mar. O vasto Oceano que parece oscular os verdes campos que até á espuma das suas ondas são cultivadas, é o pano de fundo, que faz brilhar as aldeias que trepam pela encosta acima semeada aqui e acolá de casas solarengas.

E logo ao aparecer das primeiras casas, Viana nos encanta com a sua garridice com êsse ar desenvolto, que não tira á cidade a sua distinção, mas que a torna provocante.

Quem vem de Ponte do Lima seguindo essa estrada, que parece uma rua de parque, tendo dum lado e de outro as mais lindas casas e jardins, floridas aldeias, como Serseleis, Santa Marta e Meadela, que nos vêm ao caminho dar as bôas vindas, sente a mais bela impressão ao entrar na cidade.

Mas a entrada triunfal de Viana aquela que apaixona á primeira vista o turista, que a ela se dirige, é pela ponte metálica sôbre o Rio Lima.

A cidade nasce das águas desse rio, o antigo Lethes, que quem o atravessasse, tudo o que para traz deixasse, esquecia, a avenida Marginal rodeia-a como um colar cinge o pescoço de mulher bonita, e, a cidade espreguiça-se em volta da montanha de Santa Luzia, que a corôa como um diadema, com o seu templo, monumento em cujo frontespício está a imagem do Sagrado Coração de Jesus, obra artística do conde de Santa Eulália e que curvado sôbre a cidade a protege e abençôa.

Viana á entrada pela ponte, evoca Veneza. Como ela sai das águas, em aspectos multiformes, segundo a hora e o tempo que faz.

Em si Viana é uma cidade de brilhante e aristocrático aspecto, a rua da Carreira com as casas antigas, solares de artísticas janelas, como a casa dos condes da Carreira, e as que se lhe seguem, é uma das mais bonitas ruas de cidade provinciana que conheço.

A praça da República, a sala de visitas de Viana, tem o mais artístico canto que o artista pode sonhar, com a fachada da Misericórdia, a Câmara Municipal e o lindo chafariz, esta parte da praça revive as saudades de certas praças de cidades italianas, de Ravenna por exemplo, e, de certos recantos de Siena.

Ha pequenas vielas em Viana, como uma que rodeia a Igreja Matriz com o seu velho lampião, que são um repouso para as almas de artistas, cansados da vida exaustiva das cidades modernas, e que ali se sentem transportadas á tranqüilidade da Idade Média, viela que seguindo pela rua Grande nos leva ao embevecimento duma linda janela manuelina.

Mas descansem os modernistas e não se assustem. Viana modernisa-se e em frente da estação; rasgada até ao rio ha a Avenida Nova dum modernismo de construções, capaz de satisfazer o gôsto dos amadores desse género de urbanização.

Uma escola de sumptuoso aspecto ornamenta essa avenida e demonstra-nos que a instrução do povo, não é descurada na linda província do Minho e ainda menos na sua mais bonita cidade.

Quem entra em Viana pelo caminho de ferro, tem logo á entrada a visão de belos edifícios, como o Govêrno Civil á rua da Bandeira, e, o asilo para velhos e entrevados de Nossa Senhora da Caridade. É êste sem dúvida o mais enternecedor edifício da cidade.

Ali os velhos e os inutilisados estão instalados numa linda casa onde têm a mais higiénica instalação e os maiores cuidados. Para mim é uma das mais encantadoras coisas que Viana possui, porque dimana o caridoso carinho para com aqueles que pela idade ou pela doença já para nada servem no mundo, e, que mais do que os novos e dos que têm saude, precisam dum cenário que lhes embeleze os últimos dias da sua vida.

E na caridade existe uma preciosa joia: a capela. Em azulejo e talha dourada essa modalidade tão portuguesa da arte, ela é uma preciosidade no seu género. O côro em acharoado é originalíssimo e naquele ambiente de Arte e de Caridade nós sentimos como em nenhuma outra parte, elevar o espírito, para Aquele que veio ao mundo salvar os homens e igualar-se aos pobres.

Como Braga tem o Bom Jesus, e Guimarães, a Penha, Viana tem Santa Luzia e como beleza natural é ainda Viana a mais bem dotada.

A vista da Montanha de Santa Luzia é uma das mais belas que me tem sido dado ver, e, eu posso dizer que conheço uma grande parte dos pontos de vista afamados da Europa.

Na Suiça ha pontos de vista únicos, mas faltalhes o mar o que para nós atlânticos é uma insuperável falta. Nos Pireneus ha pontos soberbos mas... com a mesma falta. O Monte Zibidabo em Barcelona, Nossa Senhora de la Garde em Marselha têm o mar, mas falta-lhes o vale do Lima falta-lhes, essa mobilidade de aspecto que tem Santa Luzia. Dum lado avistamos o mar, a encosta escarpada da montanha, os campos cultivados até ás glaucas ondas.

Se olhamos para baixo a cidade deitada aos pés lembra uma preguiçosa odalisca, se estendemos a vista para outro lado o vale do Lima em toda a sua beleza, numa curva do rio, fechada por alta montanha, lembra-nos um lago da Suiça com as suas margens esmaltadas por casas brancas duma alegria tão nossa, que nada se lhes póde comparar.

Santa Luzia com o seu Grande Hotel é uma das mais belas estâncias de repouso de Portugal. Precisa talvez de ser cuidada com mais carinho, mas as vianenses fiadas na sua beleza natural, não lhe dão o tratamento, que lá fóra se notaria num tão afamado recanto. É como certas mulheres que fiadas na sua natural beleza, não se toucam.

Mas hoje já não se aprecia a beleza selvagem nem a mulher sem retoque.

Um inglês que esteve em Santa Luzia no mês de Fevereiro, que é quando tôda a montanha está encoberta do oiro das mimosas, disse-me um dia: «Em Portugal há uma montanha que vale milhões, uma montanha de oiro: Santa Luzia. Quando saí de Londres quiz mandar flores a uma senhora e comprei um raminho de mimosa, por uma libra. Aqui vi uma montanha de mimosas que a libra cada ramo, vale milhões».

Aqui fica a sugestão aos vianenses, para que melhor tratem as suas admiráveis mimosas.

Mas Viana não é só uma cidade de belezas naturais, tem uma agradável vida de sociedade e quem uma tarde de verão fôr à sua avenida marginal de tão encantador aspecto e ver a concorrência ao seu «bar» Girassol onde se reune a melhor sociedade, tomando chá, jogando o «Ma Jong» tem a impressão que está numa modernissima cidade. Viana é um ponto de turismo obrigatório para quem quer conhecer as belezas do país e não há maiores do que as do Minho, província formosíssima e de tão diferentes aspectos.

Viana do Castelo é como certas mulheres bonitas, muda de aspecto segundo o tempo, segundo o humor, mas sempre bela, tem qualquer coisa da sereia, e esta mudança de aspectos, que é o seu maior encanto, só vi assim egual em Veneza — a sereia do Adriático.

De manhã o seu aspecto é um, à tarde outro, à noite outro, um dia engalanada por um sol de oiro, no outro envolta nas fazes transparentes da nevoa; côr de pérola num dia enevoado, rosea ao pôr do sol, é a cidade da fantasmagoria das côres, que a reverberação das águas do majestoso Lima lhe dá.

Mas nunca a vi tão bela como uma tarde há dias, que ao passar na ponte depois do pôr do sol, me senti enfeitiçada por tanta beleza.

As águas espelhadas do rio, reflectiam um ceu acinzentado; por traz de Santa Luzia a mancha violácea e rósea do pôr de sol que aqui e ali, punha tons de madrepérolas nas águas tranquilas e profundas.

A iluminação da Avenida, formava-lhe um colar de diamantes e a cidade reflectida nas águas, com jeitos de «coquette» que se admira, batida pelas luzes em contraste, tomava fantásticos aspectos, em que predominavam severas e negras as tôrres medievais da Igreja Matriz.

Nunca vi um tão belo pôr de sol, nunca vi uma tão suave e perfeita beleza, como a desta cidade, saindo das águas uma apeteose de delicada luz!

E é talvez debaixo dessa profunda impressão, que eu não hesito em dizer:

Viana do Castelo é uma das mais lindas e acolhedoras cidades, do belo e nobre Portugal, pérola entre as joias de que podemos orgulhar-nos.

MARIA DE EÇA.

A Praça da República em Viana do Castelo

Maria Duplessis (a Dama das Camélias) — miniatura existente no Museu da Comédia Francesa

AMORES ETERNOS

A vida emocionante da Dama das Camélias

Interpretações que teve desde Madame Doche a Greta Garbo

AINDA a Dama das Camélias não tinha um ano de sepultura, quando Armando Duval, isto é, Alexandre Dumas, Filho, publicou o sentido romance da sua infeliz bem-amada.

Vem a propósito dizer que, um mês após a morte da famosa mundana, o desolado Dumas, Filho publicava um livrinho intitulado "Pecados da Mocidade» em que havia êste lamento:

Escrevi-te a dizer que viria buscar
O meu perdão, e vêr teu rosto encantador,
Pois que, do fundo de alma, eu julgava ir levar
A primeira visita ao meu último amor.

Eis que chego depois de tanto tempo ausente,
Tua casa é deserta, a janela fechada.
Dizem-me que uma tumba ainda bem recente
Para sempre cobriu a tua face amada.

Quatro meses durou tua atroz agonia,
É que, por fim, o mal é que foi o mais forte . .
Oh! a Fatalidade, em cruel ironia,
Lançou na minha esp'rança a dôr da tua morte!

O triste fim da Dama das Camélias comovera profundamente o talentoso mancebo que, a princípio, apenas entrevira nêste idílio uma aventura como tantas outras.

Ao romance seguiu-se a peça que tanto havia de dar que falar.

Quando Dumas, Filho, se decidiu a levar ao palco a sua heroïna, viu-se em sérias dificuldades para encontrar uma actriz de categoria que se dignasse aceitar o papel.

A Dejazet declinara o convite, alegando, entre várias razões, a falta de tempo, o que, no fim de contas, — segundo a sua própria expressão — "a penalizava imenso».

Por sua vez, a Fargueuil, ao ser solicitada, emproôu-se a tal altura, que ultrapassou o pudor das onze mil virgens tôdas juntas... Recusou-se a fazer o papel de Margarida Gauthier sôb o pretexto de que "não estava para se aviltar, aparecendo em cêna caracterizada de mulher galante».

Muitas vezes sucede assim: a falta de talento é encoberta por uma espécie de capricho que, numa mulher, é quási sempre aceitável.

Finalmente, ao cabo de meses e meses de contratempos desta natureza, acrescidos ainda com a atitude das autoridades competentes que não deixavam representar a peça, esta subiu à cêna na noite de 2 de Fevereiro de 1852, no Teatro do Vaudeville.

Do papel de Margarida Gauthier encarregara-se a actriz Doche que obteve um verdadeiro triunfo. Na véspera já não havia um único bilhete. Paris inteiro queria vêr a peça, fôsse pelo preço que fôsse.

Uma apoteose!

Alexandre Dumas, Filho, triunfara tão amplamente que não teve pejo em se considerar "o primeiro autor dramático da sua época».

Quando escreveu o prefácio para o drama, fez realçar desta fórma o trabalho da sua intérprete, certo de que a Dejazet, a Fargueuil e tantas outras se morderiam de inveja:

"Madame Doche encarnou de tal maneira o papel, que o seu nome fica inseparável para sempre do título da peça.

Eram precisas tôda a distinção, tôda a graça, tôda a fantasia que ela mostrou sem esfôrço para que o tipo difícil e franco de Margarida Gauthier fôsse aceito sem discussão. O espectador, só de ver

Madame Doche — a actriz que criou o papel de Dama das Camélias

aparecer a actriz, sentia-se pronto para perdoar à heroïna. Não creio que uma outra pessoa, seja qual fôr o teatro a que pertença e seja qual fôr o talento que tenha, pudesse, como ela, reünir tôdas as simpatias em volta desta criação. Alegria fina, elegante, nervosa, abandono familiar, indolência melancólica, dedicação, paixão, resignação, dôr, êxtase, serenidade, pudor na morte, nada lhe faltou, sem contar a juventude, o brilho, a beleza, o brio que deviam completar o papel e que são o seu corpo e a sua plástica indispensáveis. Não houve um único conselho para lhe dar, nem uma observação para lhe fazer; representando o papel desta maneira, dir-se-ia que o tinha escrito. Semelhante artista deixa de ser uma intérprete para se tornar uma colaboradora».

De então para cá, nêste período de oitenta e cinco anos, quantas actrizes primaram em encarnar a Dama das Camélias, sem a ridícula preocupação pundonorosa da tal Fargueuil, cuja pouca celebridade consiste na razão aviltante que dizia encontrar no papel que lhe fôra oferecido.

Uma cena do filme «Dama das Camélias» com Greta Garbo e Robert Taylor

Sarah Bernhardt representou-o tão a contento do autor, que lhe mereceu a seguinte carta:

Minha querida Sarah,

Consinta que lhe ofereça um exemplar duma edição já bastante rara de A Dama das Camélias. *O que torna êste exemplar único no seu género é a carta autógrafa que se encontra na 212.ª página, e que está pouco mais ou menos conforme a carta impressa nêste sítio. Esta carta foi*

Sarah Bernhardt que também criou a Dama das Camélias

escrita pelo verdadeiro Armando Duval há quási quarenta anos, o que a não rejuvenesce; tinha êle então a idade que tem hoje o seu filho.

Esta carta é a única coisa palpável que resta desta história. Parece-me que ela lhe pertence de direito porque foi V. que deu a êste passado morto a juventude e a vida.

Guarde-a, portanto, como recordação da bela noite de sábado passado, e como testemunho bem fraco da minha maior admiração e do meu mais vivo reconhecimento.

Sôbre isto, aplaudo-a com todo o meu entusiasmo, e beijo-a de todo o meu coração.

28 de Fevereiro de 1884.

ALEXANDRE DUMAS, FILHO.

A carta em questão havia sida recolhida no espólio da pobre Marie Duplessis, e que Armando Duval, isto é, Alexandre Dumas, conseguira rehaver a todo o custo.

Dizia assim:

Minha querida Maria,

Não sou bastante rico para te amar como queria, nem bastante pobre para ser amado como tu desejavas.

Esqueçâmos, portanto, tu um nome que te deve ser quási indiferente, e eu uma felicidade que se torna impossível.

É inutil dizer-te quanto isto me entristece, pois deves saber quanto te amo. Adeus. Tens muito coração para compreenderes a razão desta minha carta e muito espírito para ma perdoares.

Mil recordações.

30 de Agosto (meia-noite).

A. D.

Nisto se traduz tôda essa tristíssima história de amor: "Não sou bastante rico para te amar como queria, nem bastante pobre para ser amado como tu desejavas».

Devemos ter presente que no tempo em que não existia ainda qualquer intercâmbio intelectual com o Oriente, Alexandre Dumas, Filho, era um dos autores preferidos no Japão. E, assim, a *Dama das Camélias* era representada nos palcos de Toquio por artistas japoneses.

Com a invenção do cinema, a *Dama das Camélias* subiu logo ao *écran*, como seria de calcular.

Recordam-se ainda da Francesca Bertini? A Margarida Gauthier que ela encarnou mereceu os aplausos de todo o mundo. E, no entanto, o cinema nêsse tempo lutava ainda com inúmeras dificuldades.

Agora surge uma nova *Dama das Camélias* interpretada por Greta Garbo, a mais famosa estrela cinematográfica dos nossos tempos.

Um verdadeiro assombro!

O que teria dito Alexandre Dumas, se lhe fôsse dado voltar à vida e assistir a êste desempenho magistral?

Ele, que confessára, ao escrever a *Dama das Camélias*, "não ter ainda a idade em que se inventa, e, portanto, se contentára a relatar essa história tal como ela se desenrolara», voltaria a vêr, ao cabo de noventa anos, a sua Maria Duplessis tal como a amára nessa época decadente de Lola Montes.

Ele, que afirmára, ao encerrar o seu romance, que "a história de Margarida é uma excepção, porque se fôsse uma generalidade, não valeria a pena escrevê-la» reconheceria, por fim, que essa excepção encontrára uma artista excepcional em Greta Garbo.

E teria sido êste o seu maior orgulho de escritor, não obstante ter dito, um dia: "Je suis le premier auteur dramatique de mon epoque».

Greta Garbo foi além do que se poderia esperar do seu formidável talento.

Que a Doche tivesse criado uma Dama das Camélias tão ao vivo, consoante o próprio Dumas afirma, é natural. Copiou uma figura do seu tempo — Maria Duplessis era um ano mais nova que a Doche — trajava habitualmente da mesma maneira, usava o mesmo penteado, e era ainda muito parecida com a desventurada heroïna.

Agora, em pleno século XX, ver uma sueca, cuja educação foi moldada pelas evoluções civilizadoras, e, conseqüentemente a sua índole, é que se torna assombroso pela perfeição obtida.

A própria Maria Duplessis se pudesse ressuscitar não o faria melhor.

Greta Garbo — a actual intérprete

Francesca Bertini que fez a Dama das Camélias

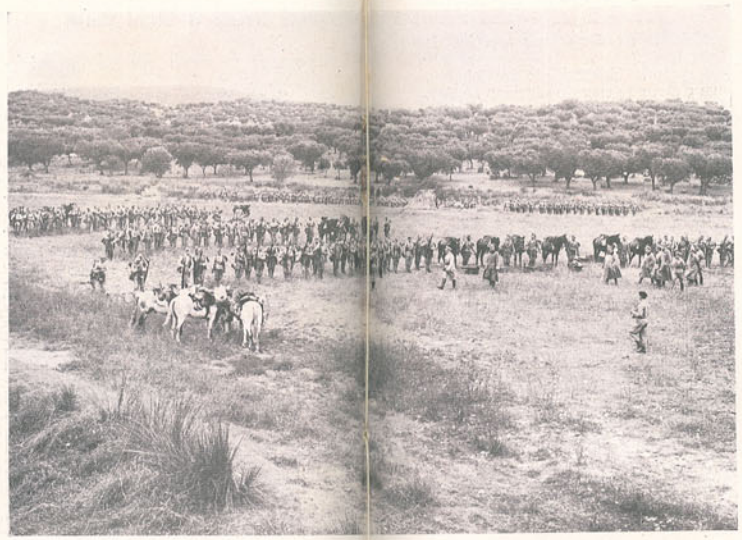
MANOBRAS DE OUTONO

O sr. general Morais Sarmento, director das manobras, no Cais do Sodré, pouco antes de embarcar com os oficiais do seu Estado Maior

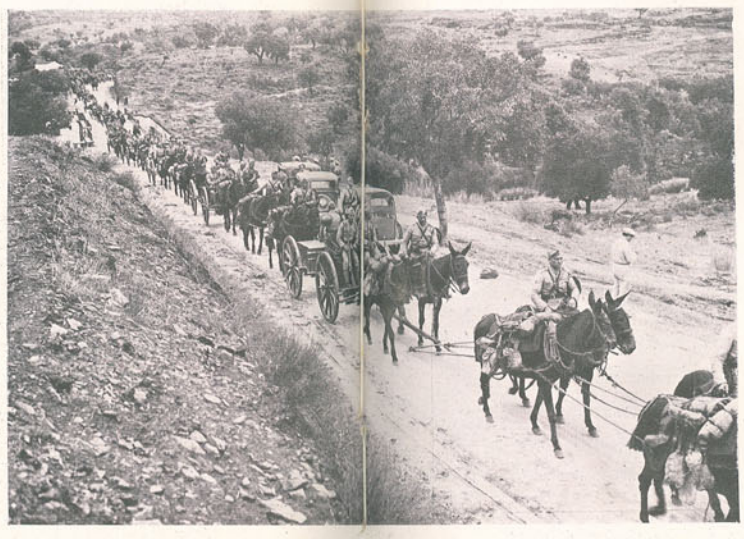
Os exercícios militares realizados constituiu uma altíssima e bela demonstração de entusiasmo patriótico, táctica militar e disciplina inquebrantável. Ninguém faltou à convocação. Os oficiais que comandaram as manobras verificaram ter junto de si soldados aptos para as possíveis acções do futuro pela soma de qualidades físicas e morais, podendo, portanto, confiar absolutamente sua bravura inquebrantável. As nobres qualidades da Raça manifestaram-se mais uma vez, patenteando claramente que os portugueses mantém intangível a gloriosa tradição dos seus maiores. Tenhâmos, pois, plena confiança nos destinos da nossa Pátria que há de continuar a ser a que «deu mundos novos ao mundo». E os portugueses de hoje são como os de ontem.

O sr. tenente-coronel Ribeiro da Fonseca, comandante da aviação do corpo do Exercito, no seu «Avro»

Um aspecto da passagem das tropas para as Manobras de Outono que constituiram uma eloqüente manifestação do brio lusitano



Dois aspectos flagrantes, vendo-se em baixo o Grupo Montado de Artilharia 14 a caminho de Vieiros



Na sua visita às tropas em manobras, o sr. Presidente da República, referindo-se à organização do Exército, afirmou que "o seu êxito é garantido pela obra já realizada por Salazar. O problema do Exército não é, portanto, insolúvel».

O sr. Presidente do Govêrno disse: "Quando tomei posse da pasta da Guerra, eu disse, traduzindo uma necessidade: *temos de ter um exército*. Hoje, depois da visita ao campo de manobras, traduzirei a minha confiança dizendo: Daqui a dois anos, nas manobras de Outono, quero dizer a V. Ex.ª, senhor Presidente: *temos um exército!* Assim sucederá. Portugal — o vencedor de Ourique, Aljubarrota, Buçaco, não podia descurar o seu Exército que gloriosamente traçou as belas páginas da sua história.

O sr. tenente-coronel Lelo Portela, comandante da esquadrilha em exercícios, ouvindo as informações de dois pilotos, após um reconhecimento

O comandante da esquadrilha, tenente-coronel Lelo Portela, ao deslocar no campo da Amadora

Os contingentes da E. P. da Administração Militar recebendo, na estação de Santa Apolónia as bolsas com as rações para o gado

Ante a pavorosa ofensiva do Fado

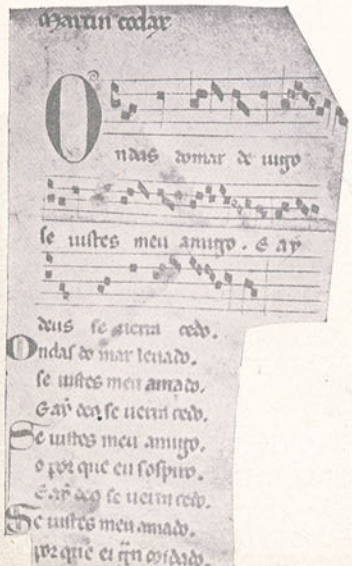
que pretende ser a Canção Nacional

O célebre Hilário

RAIO de tempo êste em que tôda a gente se manifesta, quer a tratar da sua vida, quer a divertir-se, soltando berros atroadores que nos crispam os nervos e arrepiam o miolo.

Somos ainda do abençoado tempo em que era até agradável ouvir a toada plangente dum cauteleiro, apregoando a tão modesta quão saudosa cautela de três vintens. Hoje, em dia, surgem, logo de madrugada, centenas de cauteleiros berrando como desalmados durante horas e horas junto dos nossos ouvidos, num novo e pavoroso suplício inquisitorial.

Cantiga de Martim Cordax



E, como se não bastasse, dezenas de cantadores e cantadeiras de Fado aproveitam a malfadada invenção de Marconi para nos acabar de endoidecer, gritando através de mil e um aparelhos de radiotelefonia.

O Fado! Triste fado o seu — e o nosso!

Somos ainda do tempo em que a dolência dum fadinho nos dispunha bem.

Mas assim... assim não!

Corre para aí um boato que, dia a dia, vai tomando maior volume, e tem por fim fazer-nos acreditar no portuguesismo do Fado, e elevá-lo, portanto, à categoria de canção nacional por excelência!

Mas porque estapafúrdia razão havia de ser assim? Sim, porquê? Em que base, por pouco consistente que seja, se poderia apoiar um tal nacionalismo?

Porque a Severa cantou o Fado? Mas a Severa era uma cigana que não deveria ter uma grande honra em figurar na Festa da Raça.

Porque o Hilário levou a sua vida a afirmar suavemente que

O mar também é casado
O mar também tem mulher...

e outras coisas que pouco ou nada poderiam influir nas virtudes do nosso povo?

Pretenderão acaso demonstrar-nos que o nosso Afonso Henriques aproveitava os seus ócios cantando o Fado, enquanto não chegava o momento de caír a fundo sôbre a moirisma que lhe fazia sombra à Pátria que idealizara? Sentado no alto do castelo de Guimarães, o fundador da nacionalidade portuguesa dedilharia a banza, enquanto o montante formidável que serviu para degolar os cinco rêis em Ourique, estaria descansando sôbre um escabelo, a aguardar a sua vez? Pretenderão fazer-nos crêr que Geraldo Sem Pavor, D. Fuas Roupinho, Mem Ramires, ou o próprio Gonçalo Mendes da Maia, a-pesar-de centenário, teriam um certo orgulho em gargantear o choradinho como qualquer faia dos nossos tempos?

Por êste andar, não virá longe o dia em que se afirme que Nun'Álvares vencera em Aljubarrota, após uma sessão de Fado em qualquer Retiro da Severa dêsses tempos, e que, de olhos em alvo, obtivera assim a inspiração que o levaria à vitória. E então,

numa mão sempre a banza e noutra a es-
[pada,

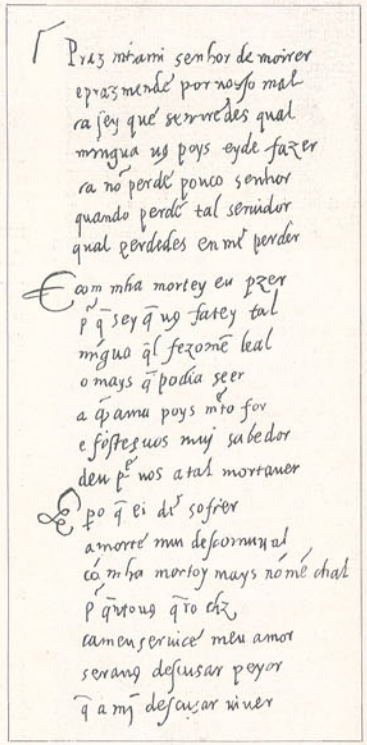
o Santo Condestável teria caído sôbre os castelhanos como outrora Santiago sôbre os moiros, e os derrotara num abrir e fechar de olhos.

Com muito maior razão poderia afirmar-se, já agora, que foi inspirado no Fado, que D. Deniz, todo dado às musas e ao belo canto, deu expansão à agricultura nacional. E, tanto assim, que só depois de escrever o fado das *flores do verde pino* é que teve a ideia de mandar semear o pinhal de Leiria!...

A própria Universidade de Coimbra, que o mesmo generoso soberano fundou, é o mais seguro documento das tendências fadistas do fundador, pois foi ali que o Hilário tantas vezes cantou o seu tão conhecido Fado — em saüdosa homenagem ao rei lavrador:

A minha capa velhinha
É da côr da noite escura:
Nela quero amortalhar-me
Quando fôr pr'a sepultura.

E daí — quem sabe? — pode ser que a falta de sorte do conde Andeiro tivesse sido originada na sua pouca simpatia pelo Fado, ao contrário do entusiasmo que o filho de D. Teresa Lourenço manifestara sempre, embora bastardo, pelo que pretendem chamar a "canção nacional".



Fac-simile do «Cancioneiro da Vaticana»

Se a Ala dos Namorados não tem sabido cantar a tempo o celebrado *Fado sem pernas*, os castelhanos não teriam dado o espectáculo engraçadíssimo do "pernas para que vos quero!"

Não sorriam, que podia ter sucedido assim.

Hoje em dia, o efeito teria sido o mesmo. Calculem uma nova Aljubarrota em pleno século XX. D. João I de cá não teria que se preocupar com os tronos do D. João I de lá, nem sequer o trabalho de afinar a guitarra. Bastaria levar um ou dois aparelhos de radiotelefonia, e pô-los em contacto com qualquer armazém de fadunchos, e a vitória surgiria formidável, fulminante. Os castelhanos, ante a perspectiva de terem de ouvir de pé firme, quatro ou cinco fados, deitariam a fugir desabaladamente, abandonando armas e bagagens.

Jogral e cantadeira da Idade Média

Qualquer dia podem tentar fazer-nos crêr que Pedro Álvares Cabral, ao aportar ao Brasil, foi cantando o Fado às tríbus guaranís que captou a sua simpatia...

Mas falemos a sério, pelo amor que a nossa Terra nos merece.

Porque há de o Fado ser a canção nacional?

Sim, porquê?

O Fado, se nos dão licença que explique, está ainda muito criança para acompanhar uma nacionalidade de oitocentos anos.

O Fado que para aí se canta, nasceu em Lisboa em meados do passado século, quando Portugal tinha completado já a sua gloriosa corôa de louros. É certo que se naturalizou português, mas a sua origem foi árabe, e daí o fatalismo que o obceca, numa lamúria de desiludido.

O próprio nome o diz: *Fado* vem de *Fatum* que os romanos, embrenhados na sua mitologia, tinham como designação para a vontade expressa dos deuses com referência ao destino dos homens e seus empreendimentos. Não valeria a pena lutar, visto não haver poder capaz de desfazer o que estava feito de antemão.

Os moiros, tendo sido mais lacónicos na definição que arranjaram, disseram mais, disseram tudo no seu *estava escrito*.

Daqui nasceu o Fado que pretendem arvorar em "canção nacional", como se Portugal fôsse algum chorão que andasse a soluçar as suas desditas de porta em porta.

Os franceses definem-nos, como é sabido, com aquêle estribilho feliz:

Les portugais sont toujours gais.

E quem poderá negar que os portugueses são alegres?

Percorram Portugal de ponta a ponta, sondem o que êle tem de mais belo, mais puro e nacional, e encontrarão a alegria que lhe dá a confiança em si mesmo, e a serenidade que lhe concede a certeza do seu futuro.

Estudem o seu folclore e verificarão que o Norte, tendo sido o berço desta formosa Pátria, é cheio de alegres cantigas, estuantes de vida, seiva e vigor.

Percorram o Minho e Trás-os-Montes, atravessem o Douro e penetrem no coração das Beiras, que encontrarão ali sempre a mais firme confiança no futuro e não a choradeira do vencido que se esganiça num triste fado, como único lamento que lhe é permitido.

O Fado arvorado em canção nacional?

Mas o Fado, nascido nas alfurjas, e cantado, em primeira mão, por homens e mulheres de má vida, (embora hoje seja cantado por artistas muito respeitáveis), não pode traduzir a alma virtuosa do nosso povo.

Um cauteleiro doutros tempos

O Fado é uma canção dolente, arrastada, soluçante, moirisca, em suma, que, se entra nas almas e as empolga, é para as enfraquecer.

Será melodioso o Fado, mas não traduz a índole da Alma Portuguesa que sempre foi impetuosa desde a batalha de Ourique à revolta da Maria da Fonte.

O Fado, em boa verdade, não pode ser incluído no folclore português, porque é moiro, e moiro continuará a ser até à sua morte. Por mais que lhe digam:

O' Fado que foste Fado,
O' Fado que já não ês,
O' Fado que andas virado
Da cabeça para os pés...

o Fado há de ser sempre o que foi... e já não é pouco.

GOMES MONTEIRO.

O Fado
Quadro de Malhoa

Um automóvel, na América, esborrachou os dedos dos pés a um passeante e êste pediu uma indemnisação ao dono do carro.

— Essa agora?! — berrou êste — o senhor quere 200 dólares pelo dano que lhe fiz num pé!... O senhor julga que eu sou milionário?

— Pois se não é milionário — replicou a vítima — é bom que saiba que eu também não sou centopeia!...

■

— Pouca vergonha!... O meu patrão acusa-me de lhe ter roubado um conto de réis!

— O que deves fazer é intimá-lo a que to prove!

— É que êle... já o provou!...

■

— Faz o favor de informar-me quanto me custará o conserto do meu automóvel?

— E que defeito tem êle?

— Isso... não sei.

— Ah!... Então custa-lhe quinhentos e cinqüenta escudos...

■

Dois comerciantes fecham um negócio. Como chegam inteiramente a acôrdo, um dêles propõe:

— Agora, meu amigo, resta-nos apenas assinar o contrato...

— Para quê? — objectou o outro. — É um trabalho inteiramente inútil. Se o preço da mercadoria aumentar tu não ma entregarás, e se baixar, não sou tão tôlo que te aceite a entrega! Portanto...

■

— De que andam à procura no rio?

— Dum afogado!...

— Dum afogado?... E para que o querem?

■

— Já sabes que Jorge foi vítima dum desastre e quebrou ambas as pernas?

— Que pena!... Dançava tão bem!...

■

Um criado despeja uma travessa de môlho em cima duma senhora.

— Imbecil! — grita ela — Entornáste o môlho todo em cima do meu vestido!

— Não faz mal, minha senhora — diz muito risonho o servo. — Lá dentro há mais môlho!...

■

Um sujeito ao passar a ponte do Sena, sente mão estranha a introduzir-se no bolso do seu casaco.

Agarra o ladrão pelo pulso e pregunta-lhe:

— O que quer o senhor da minha algibeira?

O ratoneiro sorrindo graciosamente:

— Mil perdões, julgava que era a minha. O nevoeiro é tão denso!...

■

Um pretencioso de grande fortuna mas pouco favorecido dos dotes da formosura, mandou-se retratar em corpo inteiro, e — escusado é dize-lo — com a indispensável comenda.

O trabalho saíu primoroso e de uma semelhança tão completa, que nem o mais consumado fotógrafo conseguiria excedê-la.

Não obstante, o homenzinho não ficou satisfeito, e quando o artista lhe apresentou a téla e a conta, recusou-se a pagar, alegando que o retrato não estava parecido.

— Nesse caso, — disse o pintor sem se alterar, — torno a leva-lo e creia que isso me não causa o mais pequeno transtorno.

— Mas o que vai o senhor fazer-lhe? — preguntou o retratado, julgando que o artista ia dar-lhe alguns toques.

— Vou pintar-lhe o rabo que lhe falta, e fico com um perfeito orangotango para divertir as pessoas que freqüentam a minha casa, e para ferrar com êle na primeira exposição de História Natural que haja.

■

Um árabe casou sua filha com um francês.

Um dia, a filha vai toda chorosa queixar-se ao pai de que seu marido lhe batera.

— Ousou levantar a mão sôbre ti? — exclamou o árabe com uma cólera cheia de indignação.

— Sim, papá.

— É a injúria mais grave que êle me podia fazer, e isso pede vingança.

E... zás! dá a sua filha uma enorme bofetada, exclamando:

— Volta para êsse miserável, e diz-lhe que homem eu sou. Ele bateu em minha filha, eu bati em sua mulher. Estamos quites!

■

Num museu: o visitante ao cicerone:

— De quem é êste crânio?

— De Arquímedes.

— E este outro mais pequeno?

O cicerone sem titubiar:

— Do mesmo Arquímedes quando era criança.

O médico: — Já vejo que tosse com mais facilidade, esta manhã.
O doente: — Pudera! Passei toda a noite a exercitar-me.

FIGURAS E FACTOS

Luiz Varela Aldemira, pintor muito ilustre, é também um escritor de elevado merecimento. O seu novo trabalho *Um ano trágico (Lisboa em 1836)* patenteia o valor, não só do investigador paciente, mas do crítico abalizado. Vem «a propósito do centenário da Academia de Belas Artes» em que os documentos aparecem emoldurados em impressões fiéis e comentários rigorosos, mas justos. O escritor é digno do talentoso pintor.

Amadeu de Freitas acaba de publicar um novo livro que intitulou *Três raparigas em liberdade* em que entra o reporter através da Espanha em guerra. Em boa verdade êste novo trabalho honra o autor de *A fogueira eterna*, novela cheia de emoção e beleza, e o *D. Carlos* que definiu como reportagem dramática. Mostrando-se um novelista subtil, Amadeu de Freitas não deixa nunca de ser o reporter empolgante e sincero que sabe ver e transmitir-nos tudo o que a sua alma sensibilizada observou.

Após um Verão delicioso que mal deixou reinar o Outono, o Inverno fez ha dias uma das suas tempestuosas visitas à Capital, causando inundações nalguns pontos, especialmente na Ribeira Nova. A gravura acima mostra um aspecto da cheia no Boqueirão do Duro. A subida do nível do Tejo, dificultando o escoamento das águas, provocou êsse e muitos outros espectáculos sendo enormes os prejuizos

Eis o adeus definitivo às praias dado por duas formosas banhistas em Caparica que se mantiveram no seu posto até o fim da época. O mar, agradecido, deve conservar saudades delas até o ano que vem

Um aspecto de Seia

VIAGENS NA NOSSA TERRA

Encantos do Sabugueiro

A 1070 metros de altitude

O Sabugueiro, a onze acidentados quilómetros de Seia, é a mais alta povoação do país.

No tôpo dum formoso vale, a 1070 metros acima do nível do mar, aconchegadas ao abrigo da Serra, cem moradias afirmam a tenacidade da raça, que à inclemência do clima opõe inquebrantável firmeza, permanecendo num solo que a neve cobre seis meses no ano — de Outubro a Abril.

Há quantos milenários o primeiro homem juntou aqui a pedra sôlta da erosão e ergueu o seu rude tugúrio?...

Quando chegou depois a mulher, fixando o lar? Crepitou o fogo, e as pesadas, longas horas, na violenta solidão passaram então ligeiras, a doce palavra fluíu, unindo as almas, e a prole palpitou nos flancos maternais.

Herminius afrontou o urso nos desfiladeiros, monteou o lobo nos fojos, surpreendeu a águia nos fraguedos e abateu o javali nas clareiras.

Dominada a fera com a sua funda, o seu machado e a sua flecha, o caçador, inatacável no seu reduto, à cabana acrescentou o curral.

Sereno e forte, pastoreou enfim; o cão fiel velou o rebanho e a casa.

Herminius, descendo ao Alva para pescar, colheu nas margens as primeiras sementes de gramíneas. Mas anos e anos as tomou ainda e enceleirou para o inverno, antes que soubesse lançá-las, quando o sol primaveril viola a terra, às encostas aradas pelo degêlo.

As messes floriram. O sangue, o suor laborioso as fecundou, e para sempre o coração humano se fundiu à leiva.

E, a cada pègada de criança, mais um casal marcou assento.

A freguezia do Sabugueiro não tem escola, nem correio, nem telégrafo, nem farmácia, nem médico. Nem artífices: a agricultura e a pastorícia são as únicas ocupações.

Não há estradas nem caminhos de carro transitáveis, e os próprios caminhos de pé estão cavados pelas enxurradas.

Por isso todos os géneros que vêm de fóra são mais caros. A construção é caríssima. Não há bois; sem vias de comunicação, sendo impossível a carretagem, o seu sustento seria ruinoso. Para a lavra, alugam-se aos vizinhos da montanha. Mas na época da lavoura o serviço aperta; há anos que não pode vir nem uma junta. E faz-se todo o serviço à enxada... Titânico esfôrço!

O regimem do trabalho é pesado e cruel; desde o alvorecer até à noite fechada, a labuta não cessa.

Ao levantar, desjejua de pão e queijo; o almôço caldo, de hortaliça ou legumes, batata e sardinha assada, se a há; ao meio dia o jantar — caldo, batatas ou feijão, e, de longe em longe, conduto de carne de porco, bacalhau raramente; e, antes da deita, a ceia — às vezes só leite e pão de centeio. O Município, abandona êstes valorosos portugueses, que são as mais altas sentinelas da nacionalidade. Estão no centro de Portugal, como no mais remoto sertão de África. Pontualmente, religiosamente, pagam as suas contribuições, e pontualmente, ritualmente, lhes negam todo o auxílio.

Porém os do Sabugueiro teimam, agarrados ao seu ninho de séculos.

Descem à planície, emigram, mas procuram sempre voltar. Entre o bêrço e a sepultura, bracejam, lidam, desvairam, mas querem descer aqui ao repouso eterno, junto de seus pais, cavada a última morada na rocha e na neve.

O coval, tanto como a casa, prendem o homem à terra natal — estância de vivos, pousada de mortos.

Porque habita o homem sob céus tão diversos, desde as regiões polares até ao equador, e se perpetua nos desertos, e se demora nos pantanosos deltas e não desce das invias, solitárias cordilheiras? E, se atormentado pela febre de correr mundo, tendo devassado outros continentes e longínquos mares, surgindo nos golfos azuis dos mediterrâneos ou nas pradarias fertilíssimas das mesopotâmias, nos campos auríferos ou nas cidades deslumbrantes, porque não esquece nunca o alqueive da sua chã natal ou o barquinho onde ensaiou o velame, e — entre o prazer e a opulência — geme de saüdade?

Passando por uma póvoa inóspita da costa ou por um casal perdido, murmuramos: — Meu Deus! quem há de viver aqui? E tantas vezes a nostalgia nos mata, porque, a tempo, não chegamos à tristonha angra donde partimos ou ao frio êrmo que abandonámos!

O meio não só gera e cria o homem, mas inteiramente o possue: domina o seu cérebro, regula a sua circulação, ordena os seus nervos, condiciona a sua sensibilidade.

Assim se explica que o Sabugueiro exista ainda e que a sua população aumente mesmo. Nos fins do século XVIII tinha 40 fogos; um século depois duplicava já. A aldeia há cinqüenta anos que enriquece. As últimas gerações arrotearam terrenos novos e reconquistaram todos os que se haviam deixado em maninho.

As condições climatéricas são hostis, mas algumas árvores de fruto resistem; a macieira dá-se bem. Vi algumas videiras.

O carvalho frondeja perto. O castanheiro que sóbe mais alto, abunda. O pinheiro vai alargando a sua área.

O centeio prevalece entre todos os cereais, mas o milho cultiva-se também muito.

Hortaliças e legumes excelentes. E é de grande rendimento a batata. Quantas variedades! Casca de carvalho, vermelha, amarela, branca rasteira, redonda, comprida, ova... O paraiso de Parmentier!

O fabrico de queijos é importante. E não há melhores queijos que os do Sabugueiro.

Ceámos alegremente em casa de António Lopes Patrão, homem de boa marca, cabeça firme em ombros largos, peito saliente, regular estatura.

Bem equilibrado nos seus cinqüenta anos, nenhum cabelo branco, de olhos, castanhos, o seu semblante sorri à sua camisa de linho, lavadinha. Têm um ar de leve malícia os serranos...

Sua mulher é senhoril, inteligente e activa. Uma das filhas costurava ainda, quando entrámos. Deixa a sua máquina Singer, para acolher-nos.

E todos se afadigam por nós.

Dão-nos boas camas de fofos enxergões, com cobertores de burel xadrezado e níveos lençóis.

Mas, a 1070 metros de altitude, preferimos leito mais rústico: erguemos na sala de entrada amplo leito, com meio fascal de colmo.

A porta aberta, a sono solto dormiremos.

Da conversa longa, um, outro e outro vai desertando. Até que só eu fico acordado...

A fraga do Terroeiro, dominante, vela o casario calmo, as cabanas dos gados, a fonte saüdosa, as eiras contemplativas.

O silêncio embala. E sôbre a Serra estremece a palpitante lírica do luar...

Seis horas da manhã.

Chegam os novos guias — Manuel da Ereia e José Martinho. Este, que vai para os 70, alto, forte, tisnado dos nevões e do sol, é do tempo clássico dos pastores serranos. E embora tenha, em moço, servido pela Extremadura e Alentejo, atravessando corruptas cidades, tem um ingénuo olhar de criança e uma alma pura de lusitano.

Em tôda a nossa jornada vibrará sempre nele um juvenil entusiasmo de poeta!

O Manuel da Ereia é um homem de juizo, concentrado e susceptível com uma pontinha de orgulho resignado.

Em volta de nós rapazinhos brincam. Nada pedem; dificilmente os mais pequenos recebem umas moedas de tostão... Os pais, com o seu fato domingueiro, à espera da missa, com fidalga lentidão aceitam alguns cigarros...

Vamos à procura do padre Alberto, que já está na igreja — um edifício antigo, multi-secular, reconstruido há poucos anos.

No campanáriosinho gracioso, o sino novo, de metal luzente que faísca ao sol, tine limpido, no limpidíssimo ar.

Da velha fábrica restam dois altares; mas os santos são todos nossos contemporâneos. Brinca num andor o Menino-Jesus, de rico vestido de sêda e chapéu desabado de zagal, todo em oiro...

Aquela igreja serrana acorda tão profundamente em nós a alma primitiva, que, abraçando o padre Alberto, nos despedimos comovidos, e partimos, como velhos soldados, sob a bênção de Deus...

Atravessamos as hortas, onde as águas, que abraçam o Sabugueiro, moirejam noite e dia dia. Raparigas regam, cantando. São dum tipo meão — o da raça portuguesa — bem conformadas, firme a cabeça, o busto aprumado, os olhos lindos...

Ladeamos o Alva, e passamos, por uma pequena ponte, a afluente ribeira de Porto Cabrito, que vem de Vasqu'Eanes.

No cimo, uma alta fraga (1158 metros). Cercando-nos, um scenário de penhascais... Fantásticos castelos!

Trepamos o Covão da Espada. Á esquerda, o Porto da Roda.

Culturas, batatais ainda floridos...

— Porque não arborizam êstes sítios? interrogo.

Alguns pinheiros, na lomba a norte do Sabugueiro, animam... Mas fico sabendo que, com os seus ramos erguidos, desde certa altitude, partem com o gêlo, *alagam-se.*

Seria necessário procurar espécies de grande resistência de ramas pendentes, árvores do norte, filhas da neve. Nos vales vão bem os castanheiros, com ramos flexíveis e despindo-se no inverno de tôda a folhagem.

Aí temos a Fervença, que se precipita sôbre o abismo quási a prumo — centenas de metros de desnível até unir-se, perto, com a ribeira de Porto Cabrito.

Vale de Perdiz fica para nordeste, a 1400 metros de altitude.

Próximo de nós, a Fraga do Rato, inclinando-se sôbre o leito do Alva, todo rasgado em rocais.

Não há, segundo a fama, mais saborosas trutas em Portugal do que as dêste rio.

Vamos pela Várzea. (1200m) onde o guia Martinho tem uma propriedade — meio hectare de cultura perdida no descampado, com um bardo para o rebanho e um cabanal de abrigo.

Há muito, destas alturas a videira desapareceu. O carvalho também. Ainda vegetam a oliveira e a figueira; mas as geadas de S. João não deixam que frutifiquem. A queiró, a urgueira, a magoriz e o botoiro florescem com o sargaço, branco e encarnado.

E que viçosos fetos!

Vadeamos o rio. Nas margens, nenhuma sombra de árvore. Nem olmo, nem amieiro, nem salgueiros; se os houve, roeu-os a cabra — que tudo devasta o dente daninho dêste lindo animal...

E não se vê tojo nem carqueja. Mas as abelhas zumbem de sol a sol!

Por tôda a parte o granito aflora.

Através dum recorte, no pulular da penedia, avista-se a Terra-Chã, o vale do Mondego.

LOPES D'OLIVEIRA.

Subindo a Serra

Região do Alva na Serra da Estrêla

Neve na Serra

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 1

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.ª ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha; Dicionário do Charadista, de A. M. de Sousa; Fábula, de Chompré; Adágios, de António Delicado; Dicionário de Máximas, Adágios e Provérbios, de Jaime Rebêlo Espanha; e Dicionário de Sinónimos, de J. S. Bandeira.

Prezados confrades:

A morte na sua sanha feroz e implacável arrebatou nas suas garras aduncas a vida preciosa do nosso saudoso confrade e amigo Luiz Ferreira Baptista, «Rei-Fera», que tão brilhantemente dirigiu esta secção, durante alguns anos. «Rei-Fera» possuia um carácter leal e franco,

Luiz Ferreira Baptista

tornando-se simpático a quantos com êle conviviam e era, sem dúvida, um charadista de grande merecimento.

Afastava-se das intrigas e desavenças procurando a boa armonia e a amisade de todos. Da última visita que lhe fizemos ao Hospital de Jesus, onde esteve internado durante alguns meses, ficámos convictos do seu breve restabelecimento; êle mesmo esperava, conforme nos afirmou, tomar conta da sua secção nos princípios de Setembro. Foi, portanto, com surprêsa e mágua que tivemos conhecimento pelos jornais do seu passamento em 30 de Setembro transacto, quando ainda havia tanto a esperar das suas faculdades de trabalho e inteligência, pois deixou-nos em pleno vigor da vida.

Ao tomarmos a Direcção desta Secção não podemos deixar de prestar homenagem à sua memória numa saüdade sincera emanada da longínqua amisade que entre nós progressivamente foi mantida

A' sua inconsolável esposa endereçamos as nossas respeitosas condolências.

SECÇÃO DO DESPORTO MENTAL

Para que esta secção charadística, inserta na nossa primeira revista literária, não desaparecesse, nesta época em que o Charadismo parece resurgir, propuzémo-nos inicia-la, novamente, esperando merecer de todos os estimáveis confrades, colaboradores ou não da mesma, um pouco daquela apreciada dedicação e estima com que souberam alvejar dignamente o nosso falecido amigo e confrade «Rei-Fera».

A todos, Daquém e Dalém-Mar, dirijimos os nossos respeitosos cumprimentos de saüdação distinguindo, em especial, os confrades que tem a seu cargo a chefia de Revistas, Jornais ou Secções.

APURAMENTOS

Devido a dificuldades surgidas em obtermos parte do original que estava em poder do falecido Director desta Secção, resolvemos considerar sem efeito as listas de decifrações dos números, cujos resultados ainda não foram publicados, e iniciar uma nova numeração. Os nossos amigos pouco ou nada serão prejudicados com esta alteração, visto esta Secção não atribuir prémios a produtores nem a decifradores. Esperamos, contudo, muito em breve organizar um regulamento com torneios nos quais sejam conferidas algumas obras literárias como recompensa aos que mais se distingam.

LISTA DE DECIFRAÇÕES

As listas de decifrações do presente número devem estar em nosso poder até 28 do próximo mês de Fevereiro.

PRODUÇÕES

Solicitamos de todos os colaboradores produções em verso e que sejam de fácil solução, podendo ser verificadas nos dicionários que até aqui tem sido adoptados no Desporto Mental.

IMPRENSA

Charadista — Relativo a 15 de Outubro transacto saiu o n.º 72 desta esplêndida revista da especialidade que ultimamente vem sofrendo notáveis melhoramentos tornando-se querida e bem conceituada pela colectividade Edipista. Felicitamos o seu Director, João Francisco Lopes, «Jofralo», pela maneira distinta como tem sabido orientar êste porta-voz e pelo esfôrço desinteressado que nele tem dispendido, possivelmente, em detrimento dos seus assuntes particulares.

Charada — Referente a 1 de Outubro saiu, também à luz da publicidade êste interessante jornal da causa charadística o qual apesar de contar pouco mais de dois anos de existência não pouco tem concorrido para estímulo e divulgação do Edipismo. É digno de louvor o trabalho e dedicação que os seus dirigentes lhe consagram no intuito de o tornar dia a dia mais atraente e estimado dos seus filiados. Os últimos números demonstram bem um nítido aperfeiçoamento.

Farolim — Acusamos a recepção dêste jornal que se está publicando mensalmente em Loanda e no qual se está desenvolvendo uma interessante secção charadística sob a Direcção do nosso apreciado confrade «Dr. Sicascar».

Desejamos as maiores venturas o progressos a esta Secção de modo a conseguir em Angola o gôsto pelas coisas charadísticas.

CORRESPONDÊNCIA

Luanda — *Dr. Sicascar.* — Em nosso poder duas cartas, com a respectiva documentação, dirigidas ao falecido Director. Agradecemos e esperamos continuar a receber a vossa preciosa colaboração e dos restantes confrades dessa Colónia. Temos, sobretudo, falta de original em verso.

Cumprimentos a Santo António e Mrs. Le Bossat.

Tôda correspondência respeitante a esta secção deve ser dirigida a: **Isidro António Gayo**, redacção da *Ilustração*, Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

TRABALHOS EM VERSO

CHARADAS

(a R. Maia)

1) Se alguém me visse nesta cisma [agora
Dizia que eu dormia, pois no entanto
A triste desventura, em negro manto,
De roda do meu cer'bro geme e chora.

E sempre *desde* a noite à fresca aurora, — 1
Em preces, rogo num caudal de pranto
Ao Deus *apreciado*, excelso e santo — 3
Prá minorar a dor que me devora!

Não sei que fôrça estranha se moveu
Na minha conjectura descontente,
Que tudo p'ra meu bem se converteu.

Agora só te peço — Omnipotente —
Que digas se p'ra sempre mereceu,
Da tua graça, esta tristeza *ingente!*

Lisboa *Iero*

2) Osculo a fronte altiva e magestosa.
Da grandíloqua plaga em *que* eu habito; — 1
Abrindo o reposteiro do infinito
Discortino essa imagem donairosa.

Surge à luz numa prece fervorosa
Seu nome divinal, puro e bendito.
Assim como êste sonho em que medito
Ao vê-la sob *um* manto côr de rosa... — 1

De porte intemerato e espada erguida,
Tu és a Pátria a quem damos a vida
Com denodados feitos de altivês!

Desfralda a tua flâmula à vitória
Cingindo em letras doiro a nossa *história*,
A nossa crença... o sangue português!

Lisboa *Barão Y*

TRABALHOS EM PROSA

NOVÍSSIMAS

3) Faz-me um *adeus*, se tens *ciúme*, depois serei teu *protector*. 2-2.

Luanda *Dr. Sicascar (L. A. C.)*

4) *Porque* queres *rapar o sal* sem o patrão assim o *desejar*? 1-1.

Luanda *Mrs. Le Bossat*

5) A mulher moderna *habita* com *tristeza* a sua *casa*. 2-1.

Lisboa *Jónio (L. A. C.)*.

SINCOPADAS

6) Eis um *livro* que se lê com *ardor!* 3-2.

Lisboa *Nita*

7) Nesta *dança espanhola* estra muito *ardil*. 3-2

Luanda *Mrs. Le Bossat*

8) A questão é o *começo*, porque a *fama* depois virá. 3-2.

Luanda *Dr. Sicascar (L. A. C.)*

9) Quando me sentam na *poltrona* alegra-se-me o *rosto!* 3-2.

Lisboa *Ordisi Júnior*

10) A *embriaguês* é sempre motivo para *escárneo*. 3-2.

Luanda *Santo António*

MEFISTOFÉLICAS

11) Caia *chuva* quando um *indivíduo importante* me oferecia um *brinde*. (2-2) 3.

Luanda *Dr. Sicascar (L. A. C.)*

12) *Desce* além na outra *banda* mas de modo *silencioso*. (2-2) 3.

Lisboa *Infante*

SER JORNALISTA...

SER jornalista é a aspiração de muito menino bonito, porque êles pensam que aquilo é pão com mel, porque por detraz do dístico de jornalista só vêem aventuras, sorrisos gaiatos de artistas, pernas nervosas de *girls*, nas convulsões do*c harleston* ou na riqueza desnuda duma apoteóse de revista.

Eles pensam que ser jornalista é possuir a gazua mágica que abre as portas de todos os roubados nirvanos, onde a imaginação se desdobra em sensações diversas, que fustigam os nervos e adormecem a vontade.

Eles pensam que ser jornalista, é ser nababo, numa terra onde tudo escorre doçuras, como no país fantástico dos contos de crianças, onde floresce a árvore da ventura, ali tão à beirinha, que é só levantar um pouco a mão para colher um pômo delicioso.

■

Afinal, é tão diferente, o reverso dessa medalha que os profanos forjam para seu uso, no goso pleno das suas ingénuas ilusões!

Ser jornalista exige uma mentalidade duma agudeza fóra da craveira ordinária.

O jornalista tem que ser o orientador das multidões, com sacrifício do seu próprio critério que às vezes gostaria de servir uma idéia diversa daquela que é obrigado a defender, porque essa, que não é a sua, póde ser a que convenha à colectividade.

O jornalista tem que se integrar na vida do seu país, para poder ensinar o bom caminho àquêles que se extraviam dêle, por chamados vindos de todos os lados, que os desnorteam por completo.

Tem que ser o operador seguro, de bisturi certeiro, para cortar certas excrecencias de ilusórias promessas que se agarram aos cérebros fracos, que não pódem defender-se sòzinhos de malévolas influencias estranhas.

O jornalista tem que conhecer a fundo o roteiro do bem-estar do seu país, para ser um guia seguro; tem que saber manejar tôdas as subtilezas da retórica simples, sem palavrões explendorosos como fogo de vistas, do qual nada fica a lembrá-lo, quando acaba, senão o esqueleto tôsco e informe da armação que já nada significa.

É preciso que o povo o compreenda, sem esfôrço e sem deslumbramento; é preciso que êle levante a estátua da verdade, com tal clareza, que até um cego a presinta a dentro dalma.

■

E êste — conjuncto de qualidade de bom quilate não é só — não deve ser só adorno dos graduados que teem a seu cargo o artigo de fundo — o *leader* da orientação geral do periódico.

Um simples informador de casos deve andar a par dos seus chefes no bom senso e na habilidade de bem manipular a notícia sensacional, que póde ser também uma lição que aproveite a muitos leitores que pegam num jornal, por desfastio, e podem largá-lo, reflectindo e meditando na vida.

■

Ser jornalista... Mas, meus rapazes, ser jornalista é um caso grave, e tão espinhoso, e tão cheia de responsabilidades, como ser pastor de almas ou de ovelhas.

As almas tresmalham-se, ao som de certas músicas, celestiais na aparência, mas de infernais conceitos.

As ovelhas, curiosas, vão descendo o monte, enlevadas na herva que consola, e o lobo só espera um momento de distração do pastor, para escolher a sua presa.

O povo simples e confiado é assim. A ambição engana-o, com promessas falaciosas que o pódem desencaminhar para sempre...

O jornalista, de olho àlerta, como cuidadoso pastor, tem que o chamar ao bom carreiro, antes que êle se afaste demaziado e não ouça já a sua voz...

■

Ser jornalista... Mas é um poema completo, um poema ao qual não faltam sequer as estrofes tristes do desengano.

Que têm as mais das vezes para não dizer sempre, que têm êles, como recompensa, ao cabo de tal campanha de sacrifício e de dedicações, que vai até à abdicação da sua própria personalidade, para só pensarem no bem comum?

A ingratidão daquêles que ajudaram a trepar a escadaria do triunfo, a miséria ou umas sopas dadas com enfado por quem depressa esqueceu de quanto lhes é devedor.

As côres com que estou pintando êste quadro, não mas deu a fantasia.

Foi a vida e a experiência dos forçados da pena que mas forneceram, palpitantes de verdade.

■

O jornalista é o guerreiro máximo — o guerreiro de armas múliplas e de múltiplos processos de ataque e de defesa.

Os seus golpes são mais eficazes do que as balas ou os estilhaços de granadas, quando é preciso atacar injustiças e infâmias.

E dessa mesma pena distilam bálsamos, que suavisam as feridas de alma dos sinistrados da má sorte.

Ser jornalista — oh! quem pudera sê-lo integralmente! — é ser tudo, é atingir tudo o que poderia almejar.

O jornalista é ainda o eterno caminhante enamorado da maravilha, que Alfredo da Cunha tão lindamente define nêstes primorosos tercetos:

Andamos á procura do que é belo,
Argonáutas após um aureo vélo
Que ao fim do mundo iremos demandar,

Adoramos a arte e a beleza,
Onde quer que irradie da natureza,
No som, na luz, na cor, no céu, no mar!

MERCEDES BLASCO.

O desfile do primeiro contingente das associadas do nível Ginnásio Feminino Português foi a nota mais dominante do festival das Amoreiras

A QUINZENA DESPORTIVA

Anda de parabens o público desportivo português, para o qual principiaram as competições oficiais de «football», seu passatempo predilecto nove meses durante o ano e motivo para saüdosas recordações nos três meses restantes.

A-pesar-de todos os esforços de propaganda a favor de outras modalidades, a-pesar-dos progressos incontestáveis e da maior expansão dos desportos estivais, atletismo e natação, ou de jogos de inverno como o «basket» e o «handball», nenhum espectáculo exerce sôbre a multidão poder atractivo semelhante ao dos encontros onde gira pelo campo a caprichosa bola redonda.

Êste interêsse é, afinal, o reflexo duma preferência que se manifesta no mundo inteiro com idêntica intensidade; o «football», excepção feita aos Estados Unidos onde não passa de plano secundário, é nos quatro continentes o desporto soberano, o das grandes receitas e das assistências incontáveis.

A época que se iniciou com os primeiros jogos dos campeonatos regionais, anuncia-se particularmente animada pela excepcional actividade da equipa representativa do país, que, após 4 anos de internamento passará a fronteira para se bater contra a Espanha, Suíça e Alemanha. Estas digressões exercem sempre sôbre os jogadores de classe categorizada um forte poder de estímulo, cada um diligenciando marcar posição destacada que leve o seleccionador a escolhê-lo para o grupo nacional, e desta ambição resulta aperfeiçoamento que se reflecte na valorização dos jogos em que tomam parte.

Os preâmbulos da época «footbalista» não desmentiram a regra; certos conjuntos demonstraram afinação precoce, e a forma de muitos jogadores pô-los em foco às primeiras exibições.

Os primeiros encontros de football da época chamaram aos campos, grande afluência de público e decorreram num ambiente de entusiasmo nos participantes que a nossa gravura mostra à evidência

Como entre êles se contam elementos novos, susceptíveis portanto de progredir, é aceitável esperar que os onze melhores escolhidos consigam obter resultados honrosos para o desporto português e, quem sabe, talvez a primeira vitória no estrangeiro há dez anos esperada desde a gloriosa campanha olímpica de Amsterdão.

Para de momento é o campeonato de Lisboa que ocupa a vanguarda das competições em curso; como é de tradição nesta prova, Belenenses, Benfica e Sporting apresentam-se como os únicos participantes capazes de arrancar a vitória, e a diferença de valor que provaram nos jogos já efectuados, em referência aos três adversários, Carcavelinhos, Casa-Pia e União, foi tão acentuada que afasta a hipótese plausível de qualquer surprêsa e leva a crer que êste ano o título se decidirá pelos resultados directos dos seus jogos, sem interferência de terceiros.

O Sporting, há quatro épocas campeão, conserva-se invencido, manifestando firme propósito de prolongar a série de triunfos, única na história da prova e só muito dificilmente igualável.

Desde 1907, primeiro ano em que a extinta Liga de Football Association organizou um torneio oficial entre clubes da capital, nenhum competidor conseguira mais do que três vitórias consecutivas; foi o caso do Carcavelos nos três primeiros campeonatos, e do Benfica de 1912 a 1914 e de 1916 a 1918.

Duas vitórias seguidas figuram na lista atribuidas ao Sporting em 1922-23 e ao Belenenses em 1929-30. Tôdas as restantes são alternadas e os 31 títulos jogados dividem-se assim: para o Sporting, 11; para o Benfica, 9; para o Belenenses, 4; para o Carcavelos, 3; para o Vitória, 2, 1 para o Internacional, e outro, para o Casa-Pia.

A maior série de vitórias em épocas imediatas que se encontra no rol dos torneios lisboetas é a da 3.ª categoria do Sport Lisboa e Benfica, com 7 classificações, desde 1911 até 1917.

Os actuais campeões são: Sporting em categoria de honra, Belenenses em categoria reserva e Carcavelinhos em 2.ª categoria.

■

O problema dos clubes corporativos, que há meses tratamos desassombradamente numa crónica da *Ilustração*, focando-lhe os perigos e a desvirtuação desportiva a que podia dar lugar, foi agora apercebido pelas colectividades puramente civis, e tanto as alarmou que o solucionaram, pela fôrça esmagadora do número, de maneira a salvaguardar-lhes os interêsses mas em contrário da sã lógica e, mais ainda, da lei moral do desporto.

Visando determinada agremiação, cuja designação é um rèclamo constante a certa entidade industrial, e que se encorpora no grupo daquelas que não podem invocar o objectivo de preparar pela cultura física o pessoal assalariado porque constituem o seu grupo representativo com indivíduos recrutados fóra para êsse fim e tendo como exclusiva bagagem técnica saber dar pontapés numa bola, os clubes de Lisboa vedaram a entrada na Divisão de Honra a qualquer colectividade que conte menos de 12 anos de filiação na associação regional.

O processo solucionatório não nos póde merecer aplauso; que êle era indispensável já aqui o proclamamos, mas nunca de maneira violenta, asfixiante, como aquela que foi escolhida.

A razão mandava que se fizesse a absoluta separação de campos, como o estabeleceram algumas federações; e não procedendo assim, querendo respeitar direitos adquiridos, seria preferível impôr a modificação do nome do clube, alheando-o de qualquer ligação que pudesse trazer a ideia de propaganda comercial. Como as agremiações atingidas são as primeiras a proclamar a sua isenção, certamente não poriam dificuldades e tudo se arranjaria pelo melhor. A fórmula preferida é, sôb o ponto de vista desportivo, uma arbitrariedade, e só tem como atenuante a desculpá-la em parte, o facto de ser uma decisão de legítima defeza.

■

Fóra de Portugal, o acontecimento mais importante e digno de referência foi o novo «record» da hora em bicicleta, estabelecido inesperadamente pelo holandês Franz Slaats, na pista do Velodromo Vigorelli, em Milão, que há três anos é cenário clássico para tôdas as tentativas do género.

Aproveitando o período do outono que serve de época de transição das corridas em estrada para as provas em pista, diversos especialistas, Archambaud, o recordman «em exercício» Richard, o predecessor e aspirante a sucessor de Olmo, tentaram em vão ultrapassar a marca oficial dos 45,km398. Surgiu de improviso um homem de classe reconhecida, especialisado em corridas à americana, mas que nada indicava capaz de levar a bom termo uma proeza dêste género e, à primeira tentativa, percorre nos sessenta minutos 45,km558 e apossa-se do mais ambicionado «record» mundial.

Franz Slaats, que tem 25 anos, é um atleta de estatura imponente, medindo 1m,82 e pesando os seus oitenta quilos; estreou-se como amador em 1931, passando três anos depois a profissional especializado exclusivamente em provas de pista. O valoroso holandês, com a chegada do inverno, tem o seu bem garantido por uma dezena de meses, mas não devemos enganar-nos afirmando que pouco mais longe irá a sua soberania e que em 1938, Richard ou Olmo, ou qualquer outro que a ocasião revele, ultrapassarão o limite por êle estabelecido.

Embora não tenhamos no nosso país uma pista em condições favoráveis, pois nem a do Lima nem a do Lumiar podem, sequer, satisfazer, julgamos que seria muito interessante criar para a época próxima uma competição aberta aos nossos ciclistas no intuito de estabelecer o record nacional da hora sem treinadores.

Estabelecer-se-ia um prazo para disputa, e aquele que ao chegar a data terminal se encontrasse senhor do resultado, receberia um prémio compensador. Os corredores de maior nomeada não se esquivariam, por certo, à luta e o público também acompanharia com interêsse os sucessivos episódios da pugna.

Salazar Carreira.

No festival feminino organizado nas Amoreiras as delegações do Casa-Pia e do Belenenses destacaram-se pelo seu garbo e apresentação

O Dia da Natação, organizado por «Os Sports» na piscina de Algés com a presença de mais de mil nadadores constituiu a mais animada jornada da época e afirmou os progressos dêste útil desporto em Lisboa

VIDA ELEGANTE

Festas de Caridade

No Casino Estoril

Com uma enorme e selecta concorrência, realizou-se na tarde do dia 6 de Outubro último, no Casino Estoril, gentilmente cedido pela direcção, uma festa de caridade, que constou de «chá mah-jong» no «hall» e de «chá dansante» no salão do restaurante; levada a efeito por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, de que faziam parte D. Adelina Machado Fernandes Santos, D. Antónia de Saldanha Marrecas Franco, D. Beatriz Benjamim Pinto de Vasconcelos Gonçalves, D. Beatriz de Mendonça, D. Cecília Van-Zeller de Castro Pereira, D. Conceição do Casal Ribeiro Ulrich, Condessa de Castro, D. Lívia de Arriaga e Cunha de Melo Breyner, D. Maria do Carmo de Castro Pereira de Carvalho, D. Maria Izabel de Castro Pereira de Arriaga e Cunha, D. Maria Madalena de Castro Pereira, D. Marta Emauz Leite Ribeiro, D. Matilde Matoso dos Santos, D. Rita de Sommer Pereira, D. Sofia Ferrári de Vasconcelos Abreu, D. Stela Belmarço da Costa Santos, e D. Tereza Vecchi Pinto Coelho, cujo produto se destinava a favor da Assistência aos Pobres Doentes da Freguesia de Santos-o-Velho.

Na assistência elegante a esta festa recordamos ter visto entre outras as seguintes senhoras:

Condessa de Castro, condessa de Carnide, D. Cecília Van-Zeller de Castro Pereira, D. Lívia Arriaga e Cunha de Melo Breyner, D. Conceição do Casal Ribeiro Ulrich, D. Maria Constança de Roma Machado de Paiva Raposo, D. Sofia Ferrári de Vasconcelos Abreu, D. Júlia Camacho Santos, D. Eugénia Machado Ribeiro Ferreira, D. Teresa de Melo e Castro de Vilhena, D. Branca de Atouguia Pinto Basto, D. Laura de Abreu Reis Ferreira e filha, D. Estefânia de Macedo Dias Macieira, D. Maria do Pilar Fernandes Velasco de Oliveira, D. Rita de Sommer Pereira, D. Isaura Roquete, D. Maria do Carmo de Castro Pereira de Carvalho, D. Maria Constança de Mendonça da Cunha e Costa, D. Estela Belmarço da Costa Santos, D. Gardina Andresen Leitão, D. Adelaide Leitão Pereira da Cruz, D. Clarisse Marques da Costa Pinto Bastos, D. Berta Marques da Costa Luppi, D. Adelina Machado Fernandes Santos, D. Amélia de Guimarães Maia, D. Adelaide Temudo de Sommer, D. Maria Luísa Ribeiro da Silva Infante da Câmara, D. Palmira Lucas Tôrres, D. Maria do Carmo Soares de Albergaria Burnay, D. Maria Madalena de Castro Pereira, D. Maria Francisca da Câmara Pinto Basto, D. Gabriela Machado Pinto Basto, D. Maria Baltazar Pinto Balsemão, D. Júlia Abecassis Seruya, D. Clara Abudarham Buzaglo e filha, D. Beatriz Benjamim Pinto de Vasconcelos Gonçalves, D. Maria Antónia de Portugal, D. Emília Alves Arrobas, D. Madalena Lopes de Brion, D. Maria da Gama de Castro Pereira, D. Maria de Castro Pereira Ulrich, D. Maria Bernardina Salema Manuel de Queiroz, D. Maria Carlota de Saldanha Pinto Basto, D Eugénia Maria Perestrelo de Vasconcelos de Mozer, D. Maria Amélia Lucas Tôrres de Farinha e filha, D. Maria Luísa Gomes Salazar de Sousa, D. Tereza de Burnay Lencastre, D. Maria Carlota de Sommer Pereira Salgado, D. Maria Amélia Pinto Basto Luppi, D. Maria de Sousa Pires, D. Maria Matilde Matoso dos Santos, D. Maria da Gama de Castro Pereira, D. Maria Antónia de Sousa Pires Rebelo, D. Maria Antónia de Saldanha Marrecas Franco etc.

Noite de Elegância

Sôbre a festa «Noite de Elegância» que se realizou no salão do restaurante do Casino Estoril, na noite de 7 de Outubro último, levada a efeito pelos cronistas mundanos e nossos colegas de trabalho Vasconcelos e Sá e Mota Marques, transcrevemos, com a devida vénia, da secção «Notas Mundanas» do jornal «A Voz» a seguinte:

Sôbre a festa «Noite de Elegância» que se realizou no salão do restaurante do Casino Estoril, na quinta feira passada, levada a efeito pelos cronistas mundanos Vasconcelos e Sá e Mota Marques, foi, segundo creio, o fecho da temporada de verão, na Costa do Sol, vou dizer algumas palavras, para que se não diga, que a festa passou sem a devida referência nos jornais, visto que os seus organizadores, não se terem agora feito qualque referência, a essa festa de arte e elegância, na qual os festejados, tiveram ocasião de pôr em destaque o seu fino gôsto artístico, elaborando um programa verdadeiramente sensacional, fora dos moldes das festas que se realizaram êste ano no Estoril, organizadas pelos diversos «animadores».

No programa da festa «Noite de Elegância» figuravam a insigne artista, glória do teatro português, D. Palmira Bastos, que recitou várias poesias dos mais cotados e inspirados escritores, de uma forma impecável e cantou algumas tonadilhas, como só ela o sabe fazer, que lhe grangearam ao terminar frenéticos aplausos, e o notável quarteto vocal da Emissora Nacional: composto dos tenores Guilherme Kjolner, e Fernando Pereira, barítono Paulo Amorim e baixo Mota Pereira, que se fizeram ouvir em alguns números do seu vasto repertório, com uma correcção e afinação impecável, a quem o auditório não regateou aplausos.

Os organizadores desta festa devem estar plenamente satisfeitos, com os resultados artístico e mundano, não podendo dizer o mesmo talvez, sôbre o financeiro, visto a sala não estar completamente cheia, como era de esperar, pois aos dois rapazes, devem decerto as senhoras da nossa primeira sociedade, que costumam levar a efeito festas de caridade, todo o reclamo, que sem o seu apoio, nas secções mundanas dos vários jornais, não obteriam o brilho que alcançam.

Ainda na véspera da sua festa, houve no Casino Estoril, uma festa de caridade, para a qual os festejados, concorreram com o seu reclamo, e na noite seguinte, essas mesmas senhoras, não se deram ao trabalho de ali irem abrilhantar essa festa, concorrendo assim, para que êsses rapazes, tivessem a casa cheia. Sinal dos tempos, que vão correndo. Tenham pois paciência, meus amigos e não se arrependam de organizar festas, como a que me estou referindo, por que hão de ter um dia, a compensação dos seus esforços. Estou certo disso.

Antes de terminar estas linhas peço meus bons amigos que me desculpem êste desabafo que, podem crêr, é sincero, pois nada pretendo de vocês. «Eduardo».

Casamentos

Em Cuba, celebrou-se na capela particular da Quinta da Esperança, pertencente aos srs, Condes da Esperança, o casamento de sua gentil filha D. Maria Inês, com o sr. Estevão Graça Van-Zeller, filho da sr.ª D. Maria Luiza Graça Van-Zeller e do sr. Jorge Van-Zeller, já falecido, servindo de madrinhas a mãi e avó paterna da noiva, sr.ª Condessa da Esperança (D. Maria), e de padrinhos os srs. Jorge Graça e Eduardo Graça Van-Zeller, respectivamente tio materno e irmão do noivo.

Terminada a cerimónia foi servido no esplêndido parque da Quinta da Esperança, um finíssimo lanche, partindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de valiosas e artísticas prendas, para Lisboa, donde seguiram para o estrangeiro, passar a lua de mel.

— Na paroquial do Coração de Jesus, a Santa Marta, celebrou-se com a maior intimidade, o casamento da sr.ª D. Julieta da Silva Corrêa Lopes, gentil filha da sr.ª D. Maria da Glória da Silva Corrêa Lopes e do sr. Dionisio Corrêa Lopes, com o nosso querido amigo sr. Fernando Manuel de Almeida da Mota Marques, filho mais velho da sr.ª D. Maria de Almeida da Mota Marques e do nosso presado colega na imprensa sr. Carlos Alberto Pimentel da Mota Marques, tendo servido de madrinhas a sr.ª D. Laura da Silva Fernandez e a mãe do noivo e de padrinhos o sr. Domingos António Fernandez Vasquez, e o pai do noivo, presidindo ao acto o reverendo coadjuctor da freguezia, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais do noivo, à rua dos Ferreiros, à Estrela, um finíssimo almoço, partindo os noivos a-quêm fôram oferecidas grande número de valiosas e artísticas prendas para o norte onde fôram passar a lua de mel.

— Celebrou-se na Basílica da Estrêla, o casamento da sr.ª D. Maria Júlia Pereira do Carmo de Sousa, interessante filha da sr.ª D. Sofia da Conceição Fernandes de Sousa e do sr. José Joaquim Hilário de Sousa, com o sr. Manuel da Luz Afonso, filho da sr.ª D. Joaquina da Luz Afonso e do sr. Manuel Francisco Afonso, servindo de madrinhas as sr.ªs D. Maria da Conceição de Sousa, avó da noiva e D. Conceição Soares, e de padrinhos o pai da noiva e sr. Joaquim José Soares, presidindo ao acto o prior da freguesia da Lapa, monsenhor Domingos Nogueira, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche da pastelaria «Versailles», seguindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de artísticas prendas para o norte, onde foram passar a lua de mel.

— Na paroquial da Encarnação, celebrou-se o casamento da sr.ª D. Alice Elvira de Almeida Maia, interessante filha da sr.ª D. Alice dos Santos Vieira Martins, e do sr. José de Almeida Maia, já falecido, com o distinto aluno do terceiro ano de medicina sr. Armindo Domingos Ribeiro, servindo de madrinhas as sr.ªs D. Ester Cardoso e D. Maria Adelaide Carmona Gonçalves e de padrinhos os srs. António Martins, padrasto da noiva e Luís Gonçalves.

Terminada a cerimónia, que revestiu um caracter de muita intimidade, foi servido na elegante residência da mãe e do padrasto da noiva, um finíssimo lanche partindo os noivos a quem foram oferecidas grande número de artísticas prendas para o norte, onde foram passar a lua de mel.

— Pela sr.ª D. Maria Manuela de Vasconcelos e Sá, foi pedida em casamento para seu filho Henrique Manuel, a sr.ª D. Maria Helena Pereira Catarino, gentil filha da sr.ª D. Lucília Eugénia Pereira Catarino e do sr. Henrique Monton Catarino, devendo a cerimónia realizar-se no próximo ano.

— Celebrou-se na paroquial de Santo António do Estoril, presidido pelo reverendo monsenhor Moita, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução, o casamento da sr.ª D. Margarida Maria Vieira de Pinho, interessante filha da sr.ª D. Carolina Amélia Vieira de Pinho e do sr. dr. Bernardo Ferreira Gomes de Pinho com o dr. José Paulo de Aguiar, filho da sr.ª D. Maria da Gloria de Carvalho de Aguiar e do sr. José Paulo Alves de Aguiar, já falecidos, tendo servido de madrinhas a mãe da noiva e a sr.ª D Amália Saraiva de Aguiar, tia do noivo e de padrinhos o pai da noiva e o tio do noivo sr. Carlos Filipe Saraiva de Aguiar. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua benção.

Finda a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de valiosas prendas.

— Realizou-se o casamento da sr.ª D. Ema Regina Ferreira, com o sr. dr. João Maria Paradela de Oliveira, servindo de madrinhas as sr.as D. Aurora Josefina Mourão Rodrigues, tia da noiva e D. Maria Fernanda Paradela de Oliveira, irmã do noivo e de padrinhos o srs. Atílio José Mourão, tio da noiva e dr. José Paradela de Oliveira, irmão do noivo.

Terminada a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, seguindo os noivos a-quêm fôram oferecidas grande número de valiosas prendas, para o norte do país onde fôram passar a lua de mel.

— Realizou-se o casamento da sr.ª D. Maria Clolie Cardoso Deschamps, interessante filha da sr.ª D. Albertina Cardoso Deschamps, e do sr. Jean Georges Valentim Deschamps, com o sr. Francisco Xavier Antunes, filho da sr.ª D. Deolinda de Xavier Antunes e do sr. João Antunes, já falecido, servindo de madrinhas a mãi da noiva e a sr.ª D. Conceição de Sameiro Gomes de Azevedo Antunes e de padrinhos os srs. Roger Eliacin Alvaro Cardoso Deschamps.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência da mãi da noiva, um finíssimo lanche, partindo os noivos a-quem fôram oferecidas grande número de valiosas prendas, para Sintra, onde fôram passar a lua de mel.

— Celebrou-se na capela dos Navegantes, o casamento da sr.ª D. Maria Helena Vitorina Marcela Dahl Burnay, gentil filha da sr.ª D. Helena Dahl Burnay e do nosso querido amigo sr. Manuel Ortigão Burnay, com o tenente aviador naval sr. Henrique Owen Pinto de Barros da Costa Pereira Pessoa, filho da sr.ª D. Silvia Maria Owen Pinto Pessoa e do sr. Francisco da Costa Pessoa, já falecido, servindo de madrinhas a avó paterna da noiva, sr.ª D. Maria Feliciana Ortigão Burnay e a mãi do noivo e de padrinhos os srs. Luís Ortigão Burnay, tio paterno da noiva e José da Costa Pessoa, irmão do noivo, presidindo ao acto o reverendo Alfredo Alberto Gomes, amigo íntimo da família, assistido pelo prior da freguesia da Lapa, reverendo monsenhor Domingos Nogueira, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência da avó paterna do noivo, à rua do Prior, um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de artísticas e valiosas prendas.

Nascimentos

Na Maternidade Alfredo Costa deu à luz em 25 do mês findo uma menina, a Ex.ma Sr.ª D. Leonor Toscano, esposa do ilustre magistrado dr. Alberto Toscano e filha do nosso amigo e colaborador dr. Samuel Maia. Mãe e filha encontram-se de excelente saude.

D. Nuno.

VINHOS DE PORTUGAL

Vindimas — Alto Douro

A Junta Nacional do Vinho

A Federação dos Vinicultores do Centro e Sul de Portugal foi criada num momento em que fortemente se faziam sentir os perniciosos efeitos de uma grave crise de super-produção, para desempenhar o papel de principal instrumento executor das providências necessárias a disciplinar o mais importante ramo da produção nacional. Aos anos de excessiva colheita correspondiam fatalmente exageradas concorrências que os tornavam de pequeno rendimento, em contraposição aos escassos provocando elevados preços que desorganizavam o comércio, sem vantagem para os consumidores e com graves complicações para a exportação.

Como num período largo de tempo é possível avaliar-se a média da produção, adaptando-a às necessidades do consumo, reconheceu-se a conveniência de se criar um organismo que intervindo directamente no mercado conseguisse a sua estabilização.

Foi êste um dos mais importantes objectivos que orientaram o novo organismo e de que êle se desempenhou com o maior acêrto por isso que conseguiu aliviar o mercado de grandes volumes de ofertas, o que se constata pelo facto de ter retirado, até o fim do ano de 1935, nada menos de 345.000 pipas.

Foi esta Federação recentemente substituída pela Junta Nacional do Vinho, com mais latas atribuïções que a experiência aconselhou, continuando a orientar e a fiscalizar a produção e o consumo de mostos, vinhos e seus derivados e tôda a actividade dos grémios concelhios, aperfeiçoar os métodos do fabrico e produção dos vinhos, indicando as modificações aconselháveis, promover a criação de adegas corporativas, criar e conservar tipos definidos e marcas de vinhos de exportação, mantendo desta forma uma íntima ligação entre o Estado e a vinicultura.

Segundo as estatísticas oficiais no período decorrido de Janeiro a Agosto do corrente ano exportaram se vinhos comuns tintos e brancos, regionais e licorosos no valor total de Esc. 36.434.551, o que realmente pesa, e bastante, na nossa balança comercial.

Vai-se assim desanuviando a atmosfera pesada que envolvia a nossa produção vinicola. São já bem notórios os benefícios proporcianados pelas medidas tomadas, radicando-se a esperança em melhores dias. Isto se verificou na 2.ª festa vindimária do Cacho Dourado, recentemente realisada em Lisboa, brilhante iniciativa do Centro de Estudos da Vinha e da Uva, de colaboração com o Ministério da Agricultura e outras entidades oficiais, que tão justamente interessou as corporações vinicolas, a população da capital e sobretudo os homens e as mulheres das vinhas de Portugal, que vieram, cantando e bailando, mostrar a sua grande satisfação.

Estas festas cujo início só seria possível no ambiente actual hão-de repetir-se, e estamos certos, cada vez com mais alegria e maior entusiasmo.

O Vinho do Porto

Na Viticultura Nacional ocupa, de direito próprio, o primeiro lugar, o Vinho do Porto cuja expansão através o mundo inteiro lhe proporcionou a primeira rúbrica na exportação portuguesa.

Datam do tempo do Marquês de Pombal as primeiras medidas para a sua defesa e desde então para cá variadíssimos foram os diplomas promulgados nesse sentido o que não evitou, porém, repetidas e algumas gravíssimas crises que por vezes o levaram à beira de total ruína.

O Vinho do Pôrto representa incontestàvelmente um dos mais fortes esteios da nossa Economia. Tanto na sua produção e preparação como no respectivo comércio estão empregados avultadíssimos capitais, extensíssimas áreas de terreno, custosas instalações e são muitas as dezenas de milhar de pessoas auferindo dêle os meios indispensáveis á sua subsistência.

Estas circunstâncias, do mais alto interesse para o País, levaram o Estado Novo a enfrentar o problema procurando resolvê-lo de uma forma decisiva. Para êsse efeito criou a Casa do Douro, federação obrigatória dos lavradores, disciplinando assim a produção e pondo-os ao abrigo de várias contingências que muito os prejudicavam, e o Grémio dos Exportadores, associação também obrigatória das entidades exportadoras, com o objectivo de regular o respectivo comércio, e para manter o justo equilíbrio entre os legítimos interesses de ambas as partes foi criado o Instituto do Vinho do Pôrto, cujas fúnções de grande responsabilidade completam o actual e profícuo sistêma defensivo e protector do Vinho do Pôrto.

Mercê da sua acção fiscalisadora o vinho exportado, que só o póde ser com os certificados de origem por êle passados, é legítimo Vinho do Pôrto, na inteira posse de tôdas as suas carecteristicas qualidades que o tornaram apreciado em tôda a parte e por todos considerado o primeiro vinho do mundo inteiro. Ainda por sua intervenção se regularam os seus prêços nos vários mercados, pondo têrmo à deslialdade de algumas entidades comerciais que antepunham os seus irregulares interesses ao legítimo interêsse geral.

Pela sua valiosa colaboração tem contribuído poderosamente para a repressão da falsificação e imitação dos vinhos do Pôrto em vários mercados consumidores. Na sua acção de propaganda, que tem sido inteligentemente orientada, destacou-se recentemete a sua representação na Exposição Internacional de Paris onde o característico barco rabêlo tem alcançado um invulgar êxito que a nossa Imprensa e a francesa teem posto em destacado relevo.

A exportação do Vinho do Porto, a despeito de todas os entraves que hoje pertubam grandemente os mercados internacionais, mantém a sua priviligiada posição. Referem as estatísticas oficiais que de Janeiro a Agosto do ano corrente o seu valor atingiu a elevada cifra de Esc. 110.847.145, figurando em primeiro logar, como sempre, a Inglaterra com 11.583.390 litros, a que se seguem, destacando apenas os mais importantes, a França com 7 466. 303, a Noruega com 1.976.143, a Bélgica com 1.087.245 e a Alemanha com 1.081.828.

Estas cifras revelam insofismàvelmente a acentuada preferência dos melhores mercados mundiais pelo nosso Vinho do Porto, justa consagração das suas inimitáveis e inexcedíveis qualidades.

Os Vinhos Verdes

Uma extensa área do Noroeste do País, produz um vinho suí generís, com tão inconfundíveis características que não se encontra, seja onde fôr, nenhum outro que se assemelhe.

Queremos referir-nos ao vinho verde, um dos mais justamente apreciados tanto entre nós como lá fóra. A cultura da vinha e preparação dos característicos vinhos fazem-se exclusivamente na região oficialmente demarcada que abrange 1238 freguesias distribuídas por 45 concelhos localisados em seis distritos.

A sua excepcional levêsa, frescura, o picão e agulha peculiares, fazem dêste vinho um produto de eleição, tanto mais para apreciar quanto é certo que a sua baixa graduação alcoolica permite tomá-lo, em quantidade apreciável, sem os riscos de embriaguês.

A produção anual anda à volta de 96 milhões de litros, apróximadamente 190.000 pipas, consumindo-se dentro do País mais de 38.000. Cabem à região demarcada 60 milhões de litros, 3.850.000 ao Pôrto, 617.000 a Lisboa e exportando-se cêrca de dois milhões.

Esta exportação iniciou-se no século XVI pela Foz do Rio Minho e tem

Vindimas — Alto Minho

vindo progredindo de ano para ano até alcançar esta quantidade, já importante mas ainda susceptivel de aumento.

Também nos vinhos verdes se fez sentir a interferência do Estado quando êste se propôz organizar e disciplinar a produção e o comércio dos vinhos regionais portugueses, criando para êsse efeito a Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes, com sede no Porto, a cuja acção devem êstes a posição de destaque hoje usufruída. As medidas de protecção tomadas, mormente as referentes ao seu desleal concorrente, o vinho americano, e a intransigente fiscalização da produção e comércio respectivos, tornando quási impossíveis as falsificações e outros abusos, garantem aos vinhos verdes o logar que legìtimente lhe pertencem na vinicultura nacional.

E se em tão curto lapso de tempo se podem constatar os benefícios recebidos é de prever que êles se acentuem alcançando mais e melhor. Vai nisso o interêsse de muitas dezenas de milhar de trabalhadores rurais, pequenos lavradores e operários que dêle auferem os meios de subsistência e ainda o comércio que o serve, não sendo exagerado o cálculo de perto de cem mil contos anuais que êstes vinhos movimentam, representando assim um valor a considerar na Economia Nacional.

Com o repique alegre dos sinos no dia 1 e com o dobre triste e sonoro, que se espalha pelas aldeias de Portugal, com os cemitérios cobertos de flores, começa o mez de Novembro, na saüdosa comemoração daqueles que deixaram o mundo e nunca serão esquecidos, por aqueles que os amaram e que por êles foram amados.

Pela vida fora, quem é que não tem perdido alguém muito querido? É se sempre lembramos os que perdemos e nunca os podemos esquecer, nestes dias em que a Igreja ou o hábito, os comemora, mais viva se torna a saüdade, e, em sufrágios ou visitas aos cemitérios, mais vivamente lembramos, os que já não existem, e, que na nossa vida deixaram uma saüdade, que não morre como êles morreram.

Mas estes dias sempre tristes pela saüdade que aviwam, são também os primeiros dias dum mez, que é triste. É o principio do inverno. São os dias pequenos, humidos, cinzentos, são as noites compridas, geladas, que se aproximam.

Nas cidades a vida torna-se mais intensa, mais impetuosa. O homem substitui o sol pela eletricidade, os anúncios luminosos nas suas côres vibrantes, querem alegrar os ânimos, as casas de chá regorgitam de gente, os automóveis em extensas filas, lembram animais estranhos, sopeados pela luva branca do polícia sinaleiro, ou pelas luzes verdes e encarnadas, que regulam o trânsito.

As mulheres elegantes estreiam as suas «toilettes» de inverno, e saltam dos automóveis envoltas em finas peles, mostrando o delicado rosto emoldurado por caracois, mais ou menos doirados, entre uma raposa de contos de reis, e, um delicioso chapelinho da modista mais elegante, um rasto de perfume fica à sua passagem.

O inverno é um pretexto para festas, «toilettes» o conforto da casa requintadamente cuidada, o chá entre as amigas ou uma casa de chá em voga, onde se toma a deliciosa bebida loira por chávenas de porcelana fina, e, onde se trincam bolos e reputações, em pérfidas conversas; à noite o teatro, o concerto, o cinema ou um baile.

Mas há em tudo o reverso e é preciso, absolutamente preciso, que aqueles, que só vêm no inverno uma época do ano em que mais divertimentos e distracções podem ter, nas grandes cidades, se lembrem que há gente para quem a aproximação do inverno é a tortura da fome e do frio, os sapatos rotos e encharcados sem haver outros para mudar, o lar sem lume, a arca sem pão. São noites inteiras de frio gelado que entra pelas frinchas de desmantelada barraca, ou mesmo passadas sôbre lages húmidas ou um branco que a geada encharca.

Ao lado dos bairros ricos daqueles onde o inverno é considerado uma época de divertimentos, há os bairros da miséria e da fome.

No bairro das latas há duas mil crianças, que vivem em miseráveis barracas, que não comem o que têm na vontade, que passam os duros dias de inverno enregeladas, roxas de frio.

É enquanto nas casas de chá, se gastam dezenas de escudos num chá, para que não há apetite, crianças na rua olham as montras cheias de apetitosos doces, que elas se contentam de lamber através do vidro, como já vi.

Qual é o coração de mulher que se não doi ao ver uma desgraça, ao pensar que há crianças que têm frio, que têm fome?

E não será uma enorme consolação deixar de comprar uma guloseima e comprar pão para uma criança, não fazer um vestido, que vai perfazer um exagerado número no guarda-vestidos, e, comprar lã e fazer nos longos serões de inverno, abafos que abriguem do frio as criancinhas, que tremem nas duras noites tempestuosas, geladas e frias, que as arrastam à tuberculose, não será justo que assim seja?

Todos temos de repartir com os nossos irmãos que nada têm, segundo as nossas posses, e, para tantos essa repartição não representaria mais do que o sacrifício de supérfluos, que nenhuma falta fazem.

E se a compaixão não basta para mover os corações empedernidos pelo egoismo e pelo excessivo bem estar, que o medo da revolta das que nada têm as chame à realidade das coisas. Duas mil crianças na miséria sem ter nada, vivendo ao lado duma civilização esbanjadora de luxuoso bem estar, vendo crianças como elas, a quem nada falta, são duas mil

almas revoltadas que crescem no ódio e no rancor, que envenenadas pelas faltas físicas e sem apoio moral, serão amanhã as maiores inimigas das crianças, que criais com o máximo cuidado e mimoso conchego.

E o seu ódio será natural e as suas consequências terríveis, como no-lo demonstra trágicamente a pobre Espanha mártir.

Habituai os vossos filhos a protegerem os pobres, a amarem as crianças que nada têm, a repartir com êles as migalhas que caem da sua lauda meza. Que a fraternidade não seja uma palavra vã, basta que cada família que pode, proteja e auxilie uma família pobre, e, a humanidade seria melhor, acabaria o egoismo dum lado, e o ódio do outro.

É é tão bom fazer o bem, é mais feliz quem dá, do que quem recebe, a alegria de dar é infinita.

Que a proximidade do inverno vos torne presente ao sofrimento dos que nada têm e que a comemoração de aqueles que vos foram queridos e que já não existem, comemoração que se

PÁGINAS FEMININAS

realiza nestes dois dias vos abra a alma à caridade, e que como se diz nas nossas aldeias do norte: «Seja pelas almas»!

MARIA DE EÇA.

A moda

A mulher elegante que dispõe de dinheiro para se vestir, não espera para fazer as suas «toilettes» que a moda se fixe e tôdas as estações adopta a primeira moda que apareça. Está bem que o faça se a sua fortuna lho permite e disso não resulta um desequilibrio no orçamento do lar.

É até necessário que os ricos dispendam para dar que fazer aos que precisam trabalhar, e, para fomentar o desenvolvimento do comércio e indústria.

Mas as senhoras que não têm fortuna e gostam de andar bem vestidas, podem fazê-lo sem sobrecarregar o seu orçamento de despezas. É natural que gostem em tôdas as estações de se apresentar com «toilettes» elegantes.

O que devem fazer é não se precipitar na primeira moda que aparece, que não será sem dúvida a que ficará, e fazendo uns arranjos e uns aproveitamentos, poderão apresentar-se com elegância e aprimorado «chic», sem sacrifícios monetários, que porventura possam trazer ao lar discórdias e apoquentações, que tirem o gôsto e o prazer, que a «toilette» dá, e, que em vez de dar à satisfação natural em todos os maridos de

ver sua mulher bem vestida, faça amargar essa alegria.

Nesse sentido damos hoje dois modelos que se prestam admiràvelmente a arranjos e que podem fazer elegantes «toilettes», sem grande dispêndio. Sôbre um vestido de côr unida, que esteja ainda em bom estado, mas já um pouco visto pode usar-se um casaco «trois quarts», justo na cintura, em fazenda aos quadrados nos tons do vestido e que com êle se harmonizem.

Por exemplo, sôbre um vestido castanho, pode usar-se um casaco em quadrados castanho e «beige». Se o vestido fôr preto ou azul escuro, a mesma combinação, com branco, preto ou azul.

Feltro em tom unido da côr predominante; luvas em pele de cavalo.

O outro arranjo é também de grande utilidade e muito prático. Muitas senhoras têm casacos de pele em óptimo uso, mas fora de moda ou com uns pequenissimos estragos nos cotovelos e nas voltas. Êsses casacos podem transformar-se numa pequena capa como o modêlo que damos hoje e que sôbre qualquer vestido de seda ou lã dá uma nota «chic» à «toilette» e é um abafo confortável para os primeiros frios do inverno que entre nós não são muito rigorosos. É muito gracioso o chapéu que o acompanha, em veludo preto, rejuvenesce, porque deixa livre o rosto.

Para menina temos um gracioso «tailleur» em quadrados pretos e brancos, animado com uma gola em pano verde esmeralda. O gracioso chapelinho é feito no mesmo tecido do vestido e é guarnecido com um pequeno laço de pano verde.

É um conjunto novo e gracioso que se adapta a uma mocidade, radiante de frescura.

Para uso caseiro, nestes dias em que já algum frio se faz sentir apresentamos um lindo modêlo de «chandaille» em lã «bouclée» é feito às riscas e aberto à frente onde abotoa. Em preto e branco, ou azul escuro e branco dá um efeito da maior distinção. Uma graciosa «écharpe» nas duas côres, remata-a no pescoço. É uma «toilette» simples para o almôço, porém graciosa, e, é preciso que a mulher em casa se apresente com graça e elegância e não guarde só para a rua os seus apuros, de «toilette».

Como chapeu temos um gracioso modêlo em feltro «beige» com borda em veludo castanho e em volta da aba uma tira no mesmo veludo. A sua forma de «canotier breton» é das mais graciosas e torna juvenil o aspecto de quem o usa.

Para a noite, um elegantíssimo vestido em «lamé» de oiro dum irrepreensível corte da máxima simplicidade, um gracioso casaquinho do mesmo tecido com umas mangas elegantíssimas, completa o surpreendente efeito desta «toilette» que dá o tom do luxo simples. Os brincos compridos marcam a última novidade para a noite.

É preciso lembrar às leitoras, que estes brincos só têm elegância usados à noite. De dia dão o aspecto novo rico que não tem elegância. Com os vestidos de rua umas pérolas ou brincos junto à orelha é o que o bom tom aconselha. Entre os brincos compridos ou não usar nenhuns é preferível não usar brincos.

Flores

Estamos na época dos crisântemos, essas desgrenhadas flores, que algumas lembram cabeças de crianças despenteadas. Dum exotismo

oriental esta flor veio preencher na Europa uma lacuna. No outono poucas flores havia e o Oriente enviou-nos o melhor presente: o crisântemo.

Nesta época de transição de verão para o inverno, sempre um pouco triste, os crisântemos com as suas lindas côres alegram as montras das floristas, enfeitam as jarras dos salões, adornam os altares dos templos e, dão a nota da côr no cinzento sombrio dos dias outoniços.

E nesta época, no dia de finados, êsse dia em que o mundo cristão comemora aqueles que deixaram êste mundo, e, que saüdades profundas e arreigadas deixaram no coração dos que ficaram, são ainda êles que enfeitam as campas e os jazigos dos cemitérios das grandes cidades, assim como os das aldeias. E por tôda a parte onde há sepulturas no dia 2 de Novembro êles florescem, como um preito de saüdade, que mão saüdosas trazem e colocam numa derradeira homenagem.

É no entanto não é triste o crisântemo. Ele evoca na sua floração soberba o Japão êsse encantador país do Extremo Oriente, país de requintada civilização e ao ver um admirável crisântemo, pensamos sempre como êle toucaria bem os negros e lustrosos cabelos duma «musmé» filha do «Dai Nippon».

Noções sôbre o lar

É interessante como em certas épocas da vida tudo se conjuga para o mesmo fim. Num momento em que assiduamente estudo a fórma mais prática de levar á mulher do povo, umas certas noções do que é a vida e do que ela deve ser, da melhor maneira de com os seus pequenissimos recursos tornar a vida melhor, sabendo com economia aproveitar tudo e de com asseio e limpeza tornar a vida um pouco menos dura, áqueles que não têm neste mundo o conforto necessário, encontrei um interessante livro que deve interessar ás nossas leitoras.

Esse livro é duma italiana a «Signorina» de Benedetti e chama-se «Il nostro nido» «O nosso ninho». No género é um dos livros mais completos sôbre o assunto, pois acompanha a mulher desde os seus primeiros passos na vida. Interessou-me o livro porque nem só a mulher do povo carece de conselhos, na maneira de viver. Em todas as classes ha quem deles precise, o que falta é quem os saiba dar e a «Signorina» de Benedetti sabe fazê-lo duma fórma clara e concisa que acha sobremaneira interessante.

Desde a escôlha dos móveis, fazendo notar que se não deve procurar o mobiliário, que dê na vista, mas sim aquele que é sólido e de bôa madeira, que possa ser o fundamento dum lar e não apenas o cenário dum quarto de hotel para poucos dias de demora.

É este um tema muito para estudar pelas jovens que decoram e mobilam o seu futuro ninho, dar-lhe êsse aspecto de estabilidade, que ultimamente desapareceu das casas de alguns noivos, que lembram apenas cenário de teatro.

Em seguida ocupa-se da economia doméstica assunto que nunca é demasiadamente estudado pelas senhoras, pois da bôa administração vem a harmonia do casal e o bem estar da família.

A casinha, a contabilidade, as crianças a maneira de as ensinar, de as crear e mais tarde de as educar. tudo isso é um estudo que a «Signorina» de Benedetti fez e que todas as mulheres deviam fazer.

A educação actual tem a preocupação de dar instrução á mulher para ser independente. Está bem que assim seja mas é preciso que a par dessa instrução a mulher tenha o conhecimento dos seus deveres no lar, para que possa haver harmonia na coletividade e a mulher seja a colaboradora do homem na vida comum e não a sua competidora e rival na luta pelo emprego. É interessante ver o critério de uma mulher italiana, através do livro «Signorina» de Benedetti.

FIM DE FESTA

Bridge

(Problema)

Espadas — A. 5
Copas — — — —
Ouros — A. V.
Paus — A. 10, 3

Espadas — 8, 6 | **N** | Espadas — D. 10
Copas — V. | **O** **E** | Copas — D.
Ouros — 10, 9, 7 | | Ouros — D. 8
Paus — 6 | **S** | Paus — D. V.

Espadas — R. V.
Copas — 6, 5
Ouros — 6
Paus — 8, 2

Trunfo espadas. *S* joga e faz tôdas as vasas.

(Solução do número anterior)

O joga 10 *c.*, **N** — R. *c.*, **E** — 3 *c.*, **S** — D. *e.*

N joga V. de espadas, que faz e joga depois A. *o.*, baldando se **S** a A. *c.*

N joga 6 *c.*, **E** — V. *c.*, **S** — 2 *c.*, **O** — 6 *o.*

S joga 7 *e.*, **O** — 7 *o.*, **N** — A. *e.*, **E** — 3 *e.*

N joga 9 *c.*, 8 *c.* e 7 *c.*, dando 3 baldas de paus a **S**.

N joga 2 *o.*, que **S** corta com 9 *e.*

S joga R. *e.*, **O** — 10 *o.*, **N** — 5 *e.*, **E** — D. *e.*

S joga 10 *e.* e quer **O** se balde a ouros ou a paus, **N** faz as outras duas vasas.

O bom senso das formigas

De uma conferência feita há anos, em Lund, por Budde, conhecido professor e naturalista, sôbre os costumes das formigas, extratámos estes períodos:

«As principais condições para a realização de uma aliança entre colónias de formigas hostis, são: que as duas contrárias sejam de castas aparentadas, que sejam pròximamente de igual fôrça, e por último que se vejam obrigadas a viver juntas, sem se poderem apartar. Em tais circunstâncias passa-se ràpidamente das primeiras escaramuças a uma tolerância indiferente e recíproca e da tolerância a um trato amigável: explica-se isto porque em tais casos a prudência vence o desejo de pelejar. Pelo contacto com as antenas reconhecem-se como estrangeiras e intentam separar-se; mas como isto não é possível vai ganhando preponderância no seu ânimo a convicção das semelhanças à custa da convicção das diferenças. Em resultado da convivência, ao princípio forçada, vai-se formando um cheiro de ninho comum, que as une como membros de uma colónia; então, reconhecem-se já como companheiras».

Uma cigana húngara, de 40 anos, é mãi de 30 filhos. Teve o primeiro aos dez anos; e por seis vezes teve gémeos.

Os crisântemos

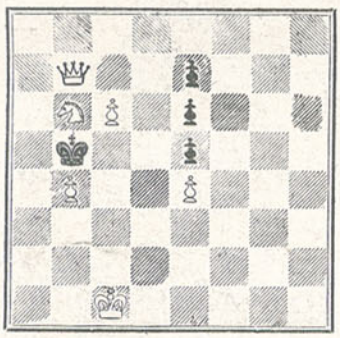
Quando as outras plantas de ornamentação estão, na sua maior parte, privadas dos seus atractivos, o crisântemo conserva-se desabrochado até ao fim de Dezembro; eis a razão por que essa flor conquistou e muito justamente, o título de «Rainha das flores do outono».

A China é que é, na realidade, o verdadeiro berço do crisântemo, e os primeiros especimens desta planta foram levados para Marselha, em 1789, pelo capitão Blancard. Eram, então, umas flores, de fôlha apenas dupla, uniformemente brancas, amarelas ou vermelhas e que por muito tempo se continuaram cultivando sem nenhuma modificação. As admiráveis flores, hoje tanto em voga, são procedentes das sete variedades que Roberto Fortemy trouxe do Japão em 1862. E foi cruzando essas variedades, tornando-as híbridas, que os horticultores europeus criaram as dez mil qualidades, aproximadamente, de crisântemos actualmente conhecidos. Devemos lembrar que o crisântemo japonês ou *Flor de oiro* é o emblema nacional do Império do Sol-Nascente.

Xadrez

(Problema por E. Palkoska)

Brancas 6 — Pretas 4



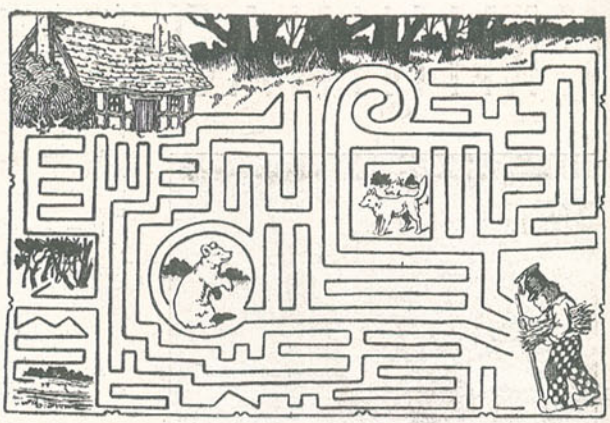
Mate em três lances.

Erros estapafúrdios

(Solução)

1. — A espiral do caracol tem a curva para o lado contrário e as fôlhas nunca nascem directamente dos troncos; têm pequeninas hastes. 2. — As galinhas não nadam. 3. — O pássaro tem pés de pato. 4. — O sol e a lua nunca se vêm brilhando no céu ao mesmo tempo, e a sombra está do lado contrário da rocha. 5. — O coelho tem uma cauda, que lhe não pertence, é claro.

Existe, em Inglaterra, um homem de 33 anos, de nome Benjamin Sexton e empregado numa fábrica de cerveja que adquiriu nome na história da medicina. Todo o seu corpo está «virado de baixo para cima». Não só tem o coração do lado contrário como todos os mais órgãos fora dos seus lugares. E, no entanto, goza perfeita saúde.



Qual é o caminho mais perto e menos acidentado que o lenhador há de tomar para regressar a casa, sem correr o perigo de encontrar os lobos ou o urso, nem cair ao rio ou ter de atravessar o pinhal?

Os animais que passam a sua existência na obscuridade das cavernas ficam cegos. Os órgãos visuais dos peixes atrofiam-se por falta de função, e acabam por desaparecer. O estudo feito por naturalistas eminentes nas cavernas e rios de corrente subterrânea têm revelado a a existência de 15 espécies, sendo 9 colhidas na América do Norte, 3 na América do Sul e 3 em África. Na Europa e na Ásia, na Austrália e no Norte de África, onde há muitos furos artezianos e bastantes correntes de água subterrânea, ainda se não encontrou nenhum peixe cego.

Correio aéreo

Foi a República de Colombia o primeiro país, no mundo inteiro, que organizou serviços regulares de correio aéreo (Baranquilla-Port-Colombia, em 18 de Junho de 1919). A importância dêstes últimos é hoje muito grande e pode servir de modêlo a muitos outros. Aquele Estado, do qual várias cidades, muito afastadas umas das outras, ficam situadas a grandes altitudes — principalmente a capital Santa-Fé de Bogotá — possui linhas perfeitamente organizadas e que ligam Baranquilla, Santa Marta e outros centros bastante numerosos que manteem entre si abundantes correspondências postais.

Ela: — Que tal achas o meu chapéu novo, visto por traz?

(Do *The Happy Magazine.*)

Tão contentes... risonhos... encantados da vida...

O cozinheiro que, dispondo de um frigorífico eléctrico, tem sempre frescos e sãos os alimentos que cozinha com o maior aceio e rapidez num esplêndido fogão a gaz...

A criadita porque prepara fácil e prontamente os banhos dos patrões utilizando um esquentador a gaz, engoma as peças finas das roupas da senhora com um ferro eléctrico, o seu chá e as torradas e ainda o café para todos com a chaleira, torradeira e cafeteira a electricidade...

O criado também se serve para a limpeza dos móveis, tapetes e carpetes de um aspirador eléctrico... Ms se os servos estão contentes o patrão ainda o está mais, visto que conseguiu um serviço completo e perfeito, rápido e seguro, por pouco dinheiro pois se aproveita da tarifa digressiva que as Companhias Reünidas Gaz e Electricidade lhe proporcionam

Vão ver os aparelhos e peçam informações sôbre a taxa digressiva, se ainda não as tiveram, nos Salões de Exposição da Companhia, na **Rua da Boa Vista** e **Rua Primeiro de Dezembro,** (edifício do Avenida Palace) ou ainda na Sede: **Rua Vítor Cordon** — Telefone **20011.**

À VENDA

AQUILINO RIBEIRO

O GALANTE SÉCULO XVIII

Textos do CAVALEIRO DE OLIVEIRA

1 volume de 324 págs., broc. . . . . **12$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS
POR
ISALITA

1 volume encader. com 351 páginas. **25$00**

DEPOSITÁRIA:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O Bébé

A arte de cuidar do lactante

Tradução de Dr.ª Sára Benoliel e Dr. Edmundo Adler, com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo volume ilustrado

6$00

Depositária:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

COLECÇÃO FAMILIAR P. B.

Esta colecção, especialmente destinada a senhoras e meninas, veio preencher uma falta que era muito sentida no nosso meio. Nela estão publicadas e serão incluidas sómente obras que, embora se esteiem na fantasia e despertem pelo entrecho romântico sugestivo interêsse, **ofereçam também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrifício, de grandeza de alma,** de tudo quanto numa palavra, deve germinar no espírito e no coração da mulher, quer lhe sorria a mocidade, ataviando-a de encantos e seduções, quer desabrochada em flor após ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãi de família, educadora de filhos e escrinio de virtudes conjugais.

Volumes publicados:

M. MARYAN

Caminhos da vida
Em volta dum testamento
Pequena rainha
Dívida de honra
Casa de família
Entre espinhos e flores
A estátua velada
O grito da consciência
Romance duma herdeira
Pedras vivas
A pupila do coronel
O segredo de um berço
A vila das pombas
O calvário de uma mulher
O anjo do lar
A fôrça do Destino
Batalhas do Amor
Uma mulher ideal
Ilusão perdida

SELMA LAGERLÖF

Os sete pecados mortais e outras histórias

Cada vol. cartonado . . . **Esc. 8$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A LEITURA DELEITA E INSTRUE

Deve pois facilitar-se
a aquisição dos bons livros

A LIVRARIA BERTRAND

vai continuar a venda a prestações das boas obras conforme já iniciou com a **HISTÓRIA UNIVERSAL,** de *G. Oncken,* para o que estabelecerá um sistema especial de vendas que denominará de

Crediário Cultural

Por êste sistema,—novo processo de vendas adoptado nalguns países da Europa e especialmente da América,—contribui-se para a cultura dum povo, facilitando-se a aquisição das obras dos mais notáveis autores.

Prestações mensais desde vinte e cinco escudos segundo a importância da compra, **sempre com a bonificação do sorteio e com direito à escolha de obras mencionadas em catálogo especial.**

Dentre outros autores figuram nesse catálogo as obras dos seguintes:

Alexandre Herculano, João de Deus, Conde de Sabugosa, Júlio Dantas, Antero de Figueiredo, Eugénio de Castro, Aquilino Ribeiro, Agostinho de Campos, Maria Amália Vaz de Carvalho, Pinheiro Chagas, Júlio Deniz, Samuel Maia, Afonso Lopes Veira, Albino Forjaz de Sampaio, Sobral Cid, Eduardo Coelho, Gonçalves Viana, Cândido de Figueiredo, Henrique Lopes de Mendonça, Camilo, Trindade Coelho, Rebelo da Silva, Malheiro Dias, João de Barros, Sousa Costa, João Chagas, António Feijó, Wenceslau de Morais, Vitorino Nemésio, Teixeira de Pascoais, António Patrício, António Cabral, Manuel de Sousa Pinto, Asdrubal de Aguiar, Eduardo Noronha, Alberto de Oliveira, Raul Brandão, Paulo Barreto (João do Rio), Vitor Hugo, Júlio Verne, Alexandre Dumas, Blasco Ibañez, Guido da Verona, Maryan, Marden, Zolá, Amicis, Mirbeau, Dantec, Benoit, Bourget, etc , etc.

Interessantes colecções como a da *Biblioteca de Instrução Profissional, (mais de 50 volumes), Antologia Portuguesa, Antologia Brasileira, Colecção Familiar P. B. (romances morais próprios para meninas e senhoras), Biblioteca de Filosofia Científica, Colecção de viagens maravilhosas (80 volumes), Dicionários do Povo (para várias línguas), etc.*

Monumentais edições como a da *História da Literatura Portuguesa, 3 volumes, Pupilas do Senhor Reitor, edição de luxo com magníficas gravuras de Roque Gameiro, Orlando Furioso, Tojos e Rosmaninhos, etc., etc.*

Entrega imediata das obras contra o pagamento da 1.ª prestação

Uma boa colecção de obras de grandes autores dá categoria a quem a possue.

Peçam informações à

LIVRARIA BERTRAND

A mais antiga livraria de Portugal

Rua Garrett, 73 — LISBOA

Prémio Ricardo Malheiros

MIRADOURO

TIPOS E CASOS

POR **ANTERO DE FIGUEIREDO**

Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

TITÚLOS DOS CAPÍTULOS:

O capote do Snr. «Mariquinhas»—Apêgo à Dôr — Dr. Mendes «Gira» — Feira de Ano — Lúcia — Um sobretudo de respeito! — A paz do Lar — Uma espada... em bainhada! — O Barboza de Sejins — O Morgado de Sabariz.

1 vol. de 320 págs., broch. . . **12$00** enc. . . **17$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À venda a 3.ª edição

BERNARDES

DA ANTOLOGIA PORTUGUESA

Organizada pelo Dr. **AGOSTINHO DE CAMPOS**

2 volumes de 274 págs. cada um, broc. **Esc. 24$00**

Pelo correio à cobrança, Esc. 27$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75—LISBOA

UM GRANDE SUCESSO DE LIVRARIA

VIAGENS EM ESPANHA

POR **JÚLIO DANTAS**

Á VENDA O 3.º MILHAR

O pórtico da glória — La maja desnuda — Os bôbos de Velásquez — Galiza e a saudade — Mósen del Sevillano — A Aljaferia de Saragoça — Princezas de Moro e de Ticiano — O túmulo de Rosalia — A armadura de D. Sebastião — O luar de Pontevedra — La Tirana — Las mujeres son buenas — Bárbara de Bragança — Rainha de uma noite — Carlota Joaquina num quadro de Goya — A língua galega — A rainha peregrina — El Português en Sevilla — A loucura de Don Quixote — O castelo do rouxinol — Lopo de Vega em Portugal — Um português na obra de Cervantes — Puente de Bárzia — Toledo e o "Greco" — Los desastres de la guerra.

Um volume de 312 páginas, brochado, com capa a côres, oiro e prata..... **12$00**
Pelo correio à cobrança... **14$00**

Pedidos aos editores: **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

LIVROS DE ESTUDO

para o ensino infantil, primário, secundário, superior e técnico

NACIONAIS E ESTRANGEIROS

Livros de Medicina

Livros de Direito

LIVROS COMERCIAIS E INDUSTRIAIS

Dicionários portugueses

de Cândido de Figueiredo, Biblioteca do Povo e outros e de tôdas as linguas

TODOS OS LIVROS DE ENSINO

para os liceus, escolas infantis, primárias, secundárias, superiores, técnicas e comerciais, e todos os

LIVROS DE LITERATURA

de todos os editores, tanto nacionais como estrangeiros, são remetidos à cobrança para todos os pontos do Páis, e encontram-se à venda na

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

Dicionários escolares

Redução de preços dêstes Dicionários para auxiliar a população escolar

DICIONÁRIOS DO POVO na ortografia oficial, portateis, economicos, completos, em volumes encadernados

Português — 860 págs.	**12$00**
Francês-Português — 800 págs.	**13$50**
Português-Francês — 818 págs.	**13$50**
Inglês-Português — 920 págs.	**13$50**
Português-Inglês — 644 págs.	**13$50**
Latim-Português — 1.128 págs.	**25$00**
Francês - Português e **Português-Francês,** num só volume	**25$00**
Inglês-Português e **Português--Inglês,** num só volume	**25$00**

Os melhores e mais baratos

Fazem-se remessas à cobrança

À VENDA NAS LIVRARIAS

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 — LISBOA

À VENDA O

ALMANAQUE BERTRAND

para **1938**

39.º ANO DA SUA PUBLICAÇÃO

Coordenado por M. FERNANDES COSTA

Unico no seu género

A mais antiga e de maior tiragem de tôdas as publicações em língua portuguesa

RECREATIVO E INSTRUTIVO

Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros

LIVRO MUITO MORAL

podendo entrar sem escrúpulo em tôdas as casas

PASSATEMPO E ENCICLOPÉDIA DE CONHECIMENTOS ÚTEIS

Colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos

Encontra-se à venda em tôdas as livrarias

Um grosso volume de 384 páginas, ornado de 422 gravuras, cartonado ..... **10$00**

Encadernado luxuosamente ..... **18$00**

Pelo correio à cobrança mais 2$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A obra mais luxuosa e artística dos últimos tempos em Portugal

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

ASSINATURA EXTRAORDINÁRIA

para venda dos últimos exemplares desta edição

Os três volumes da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em **magnífico papel couché** os seus três volumes são **um álbum e guia da literatura portuguesa** contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, **gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, sêlos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-símiles de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc.** O volume 1.º com 11 gravuras a côres fora do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres fora do texto e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fora do texto e 576 dentro, o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fora do texto e 2.157 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, é escrita pelas **mais eminentes figuras da especialidade,** nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sôbre vários assuntos firmam artigos **A. Botelho da Costa Veiga, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Alfredo Pimenta, António Baião, Fidelino de Figueiredo, Gustavo de Matos Sequeira, Hernâni Cidade, Joaquim de Carvalho, José de Figueiredo, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge,** etc., etc.

Cada fascículo de 32 páginas, profusamente ilustradas,

Esc. 10$00

Aceitam-se assinaturas para todos os pontos do país

Examinem o fascículo-espécime em qualquer livraria

ou na

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett—LISBOA

OBRAS DE JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
— (1.ª edição), 1 vol. br. ... 15$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
AO OUVIDO DE M.me X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. 10$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DIÁLOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br. ... 1$50
ELES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
HEROÍSMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 17$50; br. ... 12$50
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol. ... 2$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol. ... 1$50
VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17$00; br. 12$00

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9$00; br. ... 4$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br. ... 3$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br. 1$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIRÔA — (5.ª edição), 1 vol. br. 3$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br. 2$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. 4$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 4$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 5$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. 2$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. 6$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 e 75—LISBOA

INDISPENSÁVEL EM TÔDAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA
Médico dos Hospitais de Lisboa

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

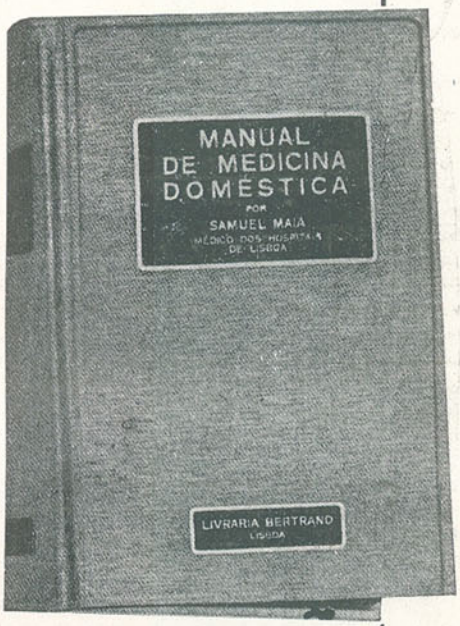
INDISPENSÁVEL A TÔDA A GENTE

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica,** é guia, é conselheiro indispensável para êsse efeito. Nesta obra incontestàvelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida pelo nome do autor ilustre,** qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso de um ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos **sôbre enfermagem,** mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc.; emfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a tôda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta.

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM — FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS — RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGENCIA



EM INÚMEROS CASOS DE DOENÇA, DISPOSTOS POR ORDEM ALFABÉTICA, ATENDE, RESPONDE, ENSINA O

Manual de Medicina Doméstica

E assim, quando na **ausência de médico por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência** ou na sua falta, como no interior e **sempre que seja preciso actuar imediatamente,** recorrendo-se ao **MANUAL DE MEDICINA DOMESTICA,** nele se encontrarão todos os conselhos, tôdas as indicações quer se trate duma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, ou dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

Regra de bem viver para conseguir a longa vida

1 vol. de 958 páginas nitidamente impresso, profusamente ilustrado, lindamente encadernado em percalina **Esc. 35$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

LISBOA — Rua Garrett, 73, 75

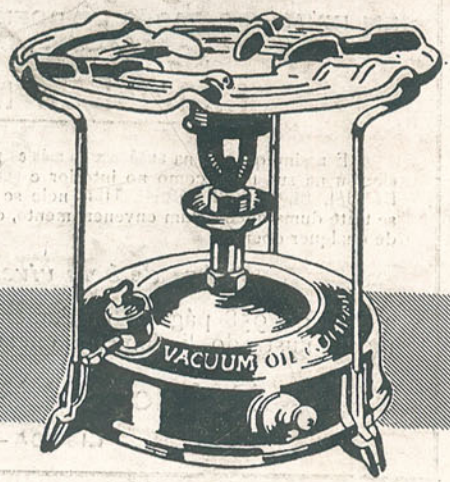
A BELA...

Chegada mesmo agora da província, com boas informações, eis a Bela, que, sem ser bela na verdadeira acepção do termo, é no entanto uma bela criada de cozinha.

Pois a Bela já declarou categòricamente que, de futuro, só servirá em casas onde haja o célebre Fogareiro Vacuum a petróleo, e argumenta:

— Que rapidez de Serviço! É a única forma que tenho de dar as refeições sempre a horas.

FOGAREIROS VACUUM



USAR SEMPRE
PETROLEO
VACUUM
SUNFLOWER

1599

VACUUM OIL COMPANY